



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA

AS FOGUEIRAS DO SÍTIO JUSTINO: (Re) construindo uma Arqueologia do fogo.

Victor Silva dos Santos

Laranjeiras

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA

AS FOGUEIRAS DO SÍTIO JUSTINO: (Re)construindo uma Arqueologia do fogo.

Victor Silva dos Santos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Arqueologia como
requisito parcial para a obtenção do título de
bacharel em Arqueologia.

Orientador: Dr^a. Daniela Magalhães Klokler

Laranjeiras

2018



LAPSO - Laboratório de Paisagem e Sociedade

BANCA EXAMINADORA

Dr^a. Daniela Magalhães Klokler (Orientadora)

Universidade Federal de Sergipe – DARQ

1º Examinador (Membro Interno): Dr. Fernando Ozório de Almeida

Universidade Federal de Sergipe – DARQ

2º Examinador (Membro Externo): Ma. Elaine Alves de Santana

Suplente (Membro Interno): Dr. Leandro Dominguez Duran

Universidade Federal de Sergipe – DARQ

RESUMO

Sabemos que os elementos simbólicos incluídos em procedimentos lúgubres são importantes para compreender como cada sociedade se relaciona com o mundo e a morte. O fogo para diversas sociedades é carregado de significados e durante os ritos ele desenvolve o papel de sacralizar, ligando o mundo físico ao mundo espiritual, entre outros aspectos. O sítio Justino, localizado no município Canindé do São Francisco - Sergipe foi escavado nos anos de 1990 e possui uma das maiores quantidades de sepultamentos do Nordeste brasileiro. Além dos enterramentos, também foram evidenciados diversos vestígios como: cerâmicas, líticos, fauna e 30 estruturas de fogueiras. Uma porção considerável dos artefatos está associada direta ou indiretamente a essas fogueiras. O presente trabalho tem como principal objetivo levantar algumas reflexões sobre o caráter ritual/cotidiano das estruturas de combustão identificadas no sítio Justino e elaborar uma discussão sobre a função do fogo no sítio. A partir de uma abordagem interpretativa, partindo de estudos arqueológicos e etnográficos, levando em consideração as fogueiras e os vestígios que as circundam dentro do sítio tentaremos entender a relação que os grupos que ocuparam a região de Xingó tiveram com o fogo no decorrer da ocupação ceramista do sítio.

PALAVRAS CHAVES: *Fogo, Práticas Rituais, Arqueologia do Baixo São Francisco.*

RESUMÉ

On sait qu'éléments symboliques inclus dans les procédures mortuaires sont très importants pour bien comprendre la relation de chaque société avec le monde et la mort. Le feu a différentes significations dans plusieurs sociétés. Il a le pouvoir de sacraliser, de faire une liaison entre le monde des vivants et des morts. Justino, un site archéologique situé dans le comté de Canindé de São Francisco – Sergipe, a été fouillé dans les années 1990, on y a trouvé l'un de plus grande quantité de tombes de la région Nord-est du Brésil. Il y avait des artefacts : des céramiques, des lithiques, faune et 30 structures de feu. Les artefacts qu'on y a trouvés ont une liaison directe ou pas avec la mort. On fait des réflexions sur la relation entre le feu et la mort avec les anciens groupes y avaient vécu à partir des artefacts on a trouvés.

Mots-Clés: Le feu, Les pratiques rituelles, L'archéologie de bas San Francisco.

SUMÁRIO

<i>INTRODUÇÃO</i>	16
<i>1. O SÍTIO JUSTINO: UM BREVE HISTÓRICO DE PESQUISAS</i>	19
1.1 O Salvamento.....	20
1.2 As Fases de Ocupação do cemitério.....	22
1.3 Os Mortos	24
1.4 As Cerâmicas e o banquete para os vivos e para os mortos	25
<i>2. O FOGO E SEU TEOR SIMBÓLICO: UMA BREVE REFLEXÃO</i>	28
2.1 Uma breve história do uso do fogo	29
2.2 O uso do fogo na etnografia.....	31
2.3 O uso do fogo em períodos pré-coloniais: Arqueologia.....	33
<i>3. ARQUEOLOGIA DO FOGO ou PiroArqueologia: UM NOVO OLHAR</i>	36
3.1 Arqueologia do fogo e sua aplicabilidade em contextos funerários	37
<i>4. QUE FOGO É ESSE?</i>	39
4.1 As fogueiras.....	39
4.2 Fogueiras e o banquete funerário: qual a relação?	47
4.3 Entender para progredir: Contexto e hipóteses	50
<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	53
<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i>	54
<i>APÊNDICES</i>	58

In memoriam de Josefa Silva dos Santos e Maria
Antônia da Conceição, minhas Rainhas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Oxaguian Alàjigbômin, dono de mim, ao grande senhor da paz meus sinceros agradecimentos. À Oxum Òpara, por ter me acolhido no seu leito e me ensinado o verdadeiro caminho de Axé. À Oyá, Xangô, Exu, patronos do fogo, pela permissão concedida a essa pesquisa. Mãe e Pai essa pesquisa eu dedico a vocês.

À minha orientadora, Dr^a Daniela Klokler que me acolheu e me mostrou que a Arqueologia é bem mais que descrever e que também me ensinou as alegrias e as tristezas da pesquisa. Agradeço pela paciência, incentivo intenso e as doses de DMK, muito obrigado!

Um Agradecimento em especial aos funcionários do Museu de Arqueologia de Xingó – MAX, muito obrigado por todo o suporte e por me mostrar como é amar um Museu de Verdade, tenho muita admiração por todos vocês!!!

À minha família que sempre confiou no meu potencial e lutou mesmo com poucas armas para eu estar onde estou.

À minha família espiritual do Ilê Axé Omin Dandá Onirê, onde fui acolhido e guiado a ser uma pessoa melhor.

Ao meu irmão de Santo e de Vida, Thauan, quantas coisas vivemos juntos, principalmente nos campos da vida, meu muitíssimo obrigado, com você eu aprendi muito e espero sempre caminhar ao seu lado.

Ao meu irmão de Santo e de vida Rodrigo, você sempre será meu bebê, ESTUDE!!!

À minha vó Tonha minha linda vó, que com sua força e destreza, me fez gente.

Aos meninos da Capa Bode, pelo acolhimento e recepção, vocês não passaram em branco na minha vida.

Ao meu fiel amigo Romário, você é muito chato, mas sem você eu não sei se conseguiria chegar aonde cheguei.

Aos meus amigos de Paulo Afonso, Marcos, Andressa, Lucas, Larissa, Luiz, Laninha, Damião e Marlon.

À minha filha felina Kali, meu pequeno receptáculo, dona do meu coração e que sempre esteve comigo. Painho ama!

À Beatriz, que na reta final de redação, me apoiou e me incentivou de uma forma incrível, meus sinceros agradecimentos, e fique ciente o que eu tenho por você é um afeto sincero. Espero passar muito tempo ao seu lado.

A minha companheira de alma, minha leoa predileta, Fernanda, você é excepcional, te agradeço do fundo do meu coração por tudo.

Aos Professores do departamento de Arqueologia, pelos debates e ensinamentos, isso eu carregarei para sempre como Arqueólogo.

Aos meus amigos do LAPSO, vocês foram de suma importância para minha formação, não só acadêmica, mas também pessoal, valeu!

À Carol, que com sua maestria e inteligência me guiou a Luz Arqueológica do pensamento.

Ao Felipe, por expandir minha mente, em relação à Arqueologia, as nossas discussões foram substanciais para essa pesquisa e para minha vida.

À Ana Karina, minha Oxum, por sempre incentivar o desenvolvimento dessa pesquisa.

Aos meus Amigos de turma, Anthony, Giuliana, Lycia e Eunice, obrigado gente.

À Brenda, você é incrível, obrigado pelo apoio.

E a todos que passaram na minha vida nessa longa trajetória acadêmica que não tiveram seus nomes mencionados, mas que contribuíram na minha caminhada.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Ocupações do Sítio Justino (Segundo Vergne , 2004 e Fagundes ,2007).....	23
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa Da Área Arqueológica De Xingó.....	17
Figura 2 - Escavação do Sítio Justino Em Xadrez.....	20
Figura 3 - Escavação do Sítio Justino.	20
Figura 4 – Planta Baixa do Sítio Justino. Acervo do MAX.....	20
Figura 5- Planta Baixa do Sítio Justino. Fonte: Acervo do MAX.	21
Figura 6 - Sepultamento com cerâmicas recobrando o crânio e a cintura pélvica.....	27
Figura 7- Troncos do Kuarup Xinguano. Fonte: Barreto, 2008, P. 35.	33
Figura 8 – Distribuição Horizontal das Fogueiras por Toda a Ocupação. Fonte: Acervo Max (Adaptado pelo Autor).....	41
Figura 9 - Croqui da Fogueira 5. Fonte: Acervo do MAX (adaptado pelo autor).	42
Figura 10 – Sepultamento 105. Fonte: Carvalho, 2006.	42
Figura 11 – Fogueira 19 (A) e Fogueira 4 (B) – Fonte: Fagundes, 2007, p. 180.....	43
Figura 12 - Croqui da Quadra AE 35/40. Modificado pelo Autor. Fonte: Acervo Max.....	43
Figura 13- Distribuição das Estruturas de Combustão por Nível	45
Figura 14- Distribuição dos Sepultamentos com Cerâmica como Enxoval Funerário.	48
Figura 15 - Distribuição Vertical dos Enterramentos e as Fogueiras.	48
Figura 16 - Associação entre os Enterramentos com Evidências de Banquete Funerário. Fonte: Acervo do Max (Adaptado Pelo Autor).	49
Figura 17 - Fluxograma Hipotético de algumas atividades relacionadas ao ritual mortuário efetuado para alguns indivíduos no sítio Justino.	51

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1 - quadro de análise das fogueiras do sítio justino	60
Apêndice 2 - quadro dos sepultamentos com Cerâmica associados a banquete funerário	61
Apêndice 3 – Concentração 02 . Fonte: Acervo Max	62
Apêndice 4 – prancha de desenho da fogueira 1. Fonte Acervo MAX	64
Apêndice 5- prancha de desenho da fogueira 2. Fonte Acervo Max	65
Apêndice 6 Prancha de Desenho da Fogueira 3. Fonte Acervo Max	66
Apêndice 7- Prancha de Desenho da Fogueira 4. Fonte: Acervo Max	67
Apêndice 8- Prancha de Desenho da Fogueira 5. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).....	68
Apêndice 9- Prancha de Desenho da Fogueira 6. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).....	69
Apêndice 10 - Prancha de Desenho da Fogueira 7. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).....	70
Apêndice 11 - Prancha de Desenho da Fogueira 8. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).....	71
Apêndice 12 - Prancha de Desenho da Fogueira 9. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).....	72
Apêndice 13 - Prancha de Desenho da Fogueira 10. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).....	73
Apêndice 14 - Prancha de Desenho da Fogueira 11. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).....	74
Apêndice 15 - Prancha de Desenho da Fogueira 12. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).....	75
Apêndice 16 - Prancha de Desenho da Fogueira 13. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).....	76
Apêndice 17 - Prancha de Desenho da Fogueira 14. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).....	77
Apêndice 18 - Prancha de Desenho da Fogueira 15. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).....	78
Apêndice 19 - Prancha de Desenho da Fogueira 16. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).....	79
Apêndice 20 - Prancha de Desenho da Fogueira 17. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).....	80
Apêndice 21 - Prancha de Desenho da Fogueira 18. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).....	81
Apêndice 22 - Prancha de Desenho da Fogueira 19. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).....	82
Apêndice 23 - Prancha de Desenho da Fogueira 20. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).....	83
Apêndice 24 - Prancha de Desenho da Fogueira 21. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).....	84

Apêndice 25 - Prancha de Desenho da Fogueira 5. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).	85
Apêndice 26- Croqui do Nível 12 do Sítio Justino. Fonte: Acervo Max (Modificado Pelo Autor).	86
Apêndice 27 - Croqui do Nível 14 do Sítio Justino. Fonte: Acervo Max (Modificado Pelo Autor).	87
Apêndice 28 - Croqui do Nível 15 do Sítio Justino. Fonte: Acervo Max (Modificado Pelo Autor).	88
Apêndice 29- Croqui do Nível 16 do Sítio Justino. Fonte: Acervo Max (Modificado Pelo Autor).	89
Apêndice 30 - Croqui do Nível 17 do Sítio Justino. Fonte: Acervo Max (Modificado Pelo Autor).	90
Apêndice 31 - Croqui do Nível 18 do Sítio Justino. Fonte: Acervo Max (Modificado Pelo Autor).	91
Apêndice 32 - Croqui do Nível 19 do Sítio Justino. Fonte: Acervo Max (Modificado Pelo Autor).	92
Apêndice 33- Croqui do Nível 20 do Sítio Justino. Fonte: Acervo Max (Modificado Pelo Autor).	93
Apêndice 34 - Croqui do Nível 21 do Sítio Justino. Fonte: Acervo Max (Modificado Pelo Autor).	94

“Um dia Wajaré falou pra Wyrá, “vamos deitar?”. E ela falou pra ele: vai buscar fogo com meu irmão! Daí ele foi. Ele passou cupim nele para chegar escondido. Quando ele estava deitado escondido, fingindo de morto o urubu desceu com o fogo. Wajaré roubou o fogo dele e saiu correndo (Müller et al., 2008 apud. CAROMANO, 2017).

INTRODUÇÃO

Compreendemos que o universo simbólico das sociedades do passado era rico, como podemos observar em Klokler (2012); Beauclair et al (2009); Kaliff (2011) e Ribeiro (2002), Hull, (2014) seja através dos rituais ligados a morte, dos símbolos em volta das relações sociais e/ou ligados a origens de diferentes grupos.

O uso do fogo ritual é relatado em diversas sociedades e os aspectos culturais relacionados a ele transcendem o uso econômico (BEAUCLAIR et al., 2009; MARTÍN & FORLAN, 2005; RIBEIRO, 2002). De acordo com Kaliff (2011, p. 2), a natureza desintegradora do fogo auxilia a sua associação com o sagrado. Esse possui diversas finalidades e dentre as funcionalidades comumente mencionadas na literatura estão: cocção dos alimentos e segurança, em contextos mais econômicos; já em contextos rituais, o fogo se apresenta como um elemento sacro fundamental (SCOTT et al., 2016).

Na região das pesquisas de Xingó, há diversos sítios (Figura 1) contendo registros rupestres, e tantos outros tipos de matérias. Devido à riqueza desses vestígios, por muito tempo o enfoque ficou voltado à análise e interpretação desses elementos (e.g. AMANCIO & VERGNE, 1992; CARVALHO, 2006; DANTAS & LIMA, 2006; CASTRO, 2009; FAGUNDES, 2007; VERGNE, 2005; SILVA, 2013).

O sítio Justino, localizado no município de Canindé do São Francisco em Sergipe, foi escavado entre 1991 e 1994 (LINS DE CARVALHO, 2000). Nesse sítio vemos uma gama de evidências, materiais e estruturas, como vasilhames cerâmicos, vestígios faunísticos, artefatos em pedra lascada e polida, adornos (em ossos e em vidro), fogueiras, manchas escuras e cerca de 200 esqueletos oriundos de 167 sepulturas (VERGNE, 2002, 2004), que exploraremos melhor no decorrer do primeiro capítulo. Vergne (2004) o definiu como sendo um sítio habitação e cemitério.

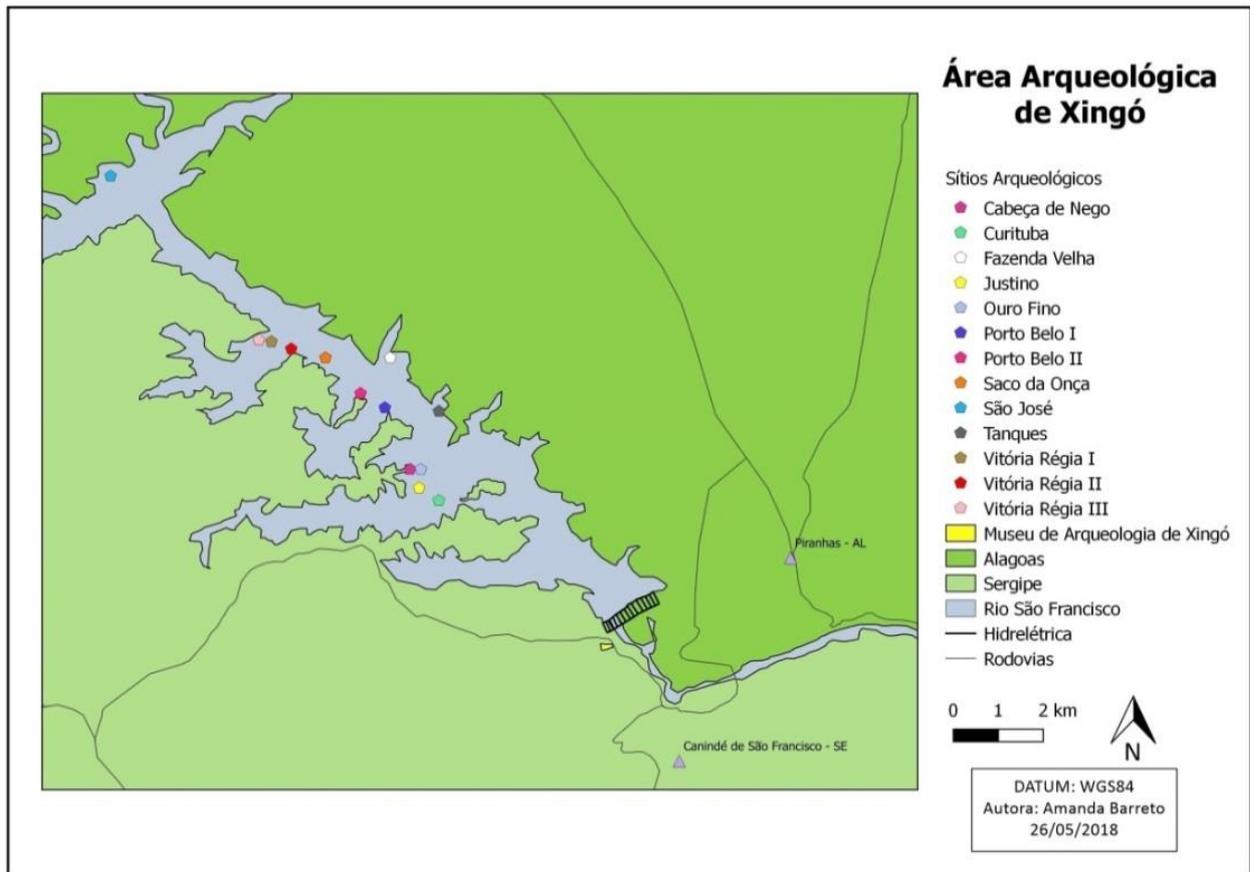


Figura 1 - Mapa Da Área Arqueológica De Xingó.

Fonte: BARRETO, 2018, p. 5.

O fogo no sítio Justino é recorrente em vários contextos, ora associado às habitações (VERGNE, 2004), outrora aos procedimentos fúnebres (KLOKLER & SILVA DOS SANTOS, 2016). Considerando as fogueiras como fontes de informações para reconstrução da história do fogo do sítio, elementos ligados tanto à economia, quanto ao ritual, visamos tentar compreender as estruturas de combustão (fogueiras) e como essa (s) população (ções) estava (m) se relacionando com o fogo. Sobretudo, este trabalho nos instiga à compreensão da relação social dos componentes sacros, corporais e paisagísticos, discutindo essas associações a partir de uma perspectiva ideológica e social.

Partindo dessa prerrogativa, resolvemos organizar esta monografia em quatro capítulos, sendo que, no primeiro, buscaremos discorrer e descrever os trabalhos desenvolvidos no sítio desde seu salvamento, e elucidar qual a importância desta pesquisa para compreender os rituais do Sítio Justino. Vale ressaltar que, dentro dessa monografia, optamos, para uma melhor coesão contextual, centralizar nossa discussão e análise no período

cerâmico do sítio Justino, que foi datado de 4790 ± 80 A.P. a 1280 ± 45 A.P. (VERGNE, 2004).

No segundo capítulo faremos uma contextualização de rituais com presença de combustão, transitando desde contextos econômicos a simbólicos, utilizando diferentes fontes, como etnografia, arqueologia, antropologia, entre outros.

No terceiro capítulo discorreremos sobre a ‘Arqueologia do fogo’, como metodologia empregada durante a pesquisa. E, por fim, o quarto capítulo se destina a demonstrarmos os resultados das análises das fogueiras do sítio Justino, aliando com teoria para interpretarmos os dados.

1. O SÍTIO JUSTINO: UM BREVE HISTÓRICO DE PESQUISAS

(...) o Justino, (...), foi ocupado em longa duração em distintos momentos da paisagem regional, sendo-lhe atribuídas pelo grupo (ou grupos) funções diversas ao longo do tempo, até que, em um período que coincide com o aparecimento da tecnologia cerâmica no registro arqueológico, houve uma maior fixação dos grupos no terraço (...) (FAGUNDES, 2007, p. 528).

As pesquisas na região do Baixo São Francisco tiveram início durante a década de 1980, com a identificação de sítios arqueológicos na área que seria impactada pela implementação da Usina Hidroelétrica de Xingó. Durante os trabalhos do projeto de salvamento para a construção, conseguiu-se ter ideia do potencial arqueológico da região, com a descoberta de vários sítios, principalmente de registros rupestres.

Durante as pesquisas desenvolvidas dentro do PAX nos anos 1990, foi identificado o sítio Justino. Devido a grande quantidade de enterramentos recebeu o título de maior necrópole descoberta do século 20 em território brasileiro e, por conta disso, diversos pesquisadores, incluindo estrangeiros, foram convidados a darem seus pareceres acerca do sítio (AB'SABER, 1997; FOGAÇA, 1997; JERÔNIMO & CISNEIROS, 1997; LANDIM DOMINGUEZ & BRITCHA, 1997; LUNA, 2001; MARTIN, 1998; MELLO et al., 2007; OLIVEIRA et al., 2005; SILVA, 2010; 2017; VERGNE, 2005; 2007; VERGNE & CARVALHO, 2001; VERGNE & FAGUNDES, 2004; 2006; entre outros). Muito foi produzido durante todo esse tempo de estudos em relação ao sítio Justino e no decorrer desse capítulo enfocaremos nos trabalhos mais densos já realizados no sítio e na região para uma melhor contextualização.

O Justino está inserido numa região de clima semi-árido com uma vegetação predominantemente de caatinga (AB'SÁBER, 1997). Nesse contexto, o rio São Francisco atua como um marco paisagístico/simbólico importante, cujo seu curso foi crucial para a sobrevivência e fluidez de diversas populações pré-coloniais e de pós-contato, um lugar onde “grupos (...) navegavam o rio para estabelecer relações amistosas com os europeus, assim como para travar guerras com eles ou para escapar de sua dominação” (ALMEIDA & KLOKLER, 2016, p. 2). Sendo a região um lugar de interação e, por vezes, ‘fronteiras’ de grupos, “um dos elementos que chamam atenção na região nesse universo ritualístico pré-colonial de Xingó é a existência de fluxos distintos de movimentos” (ALMEIDA & KATER,

2017, p.57), pensando na utilização do terraço com cemitério, que corrobora nesse universo ritual ligado a morte.

O sítio Justino é hoje um dos mais importantes sítios da região hidrográfica do baixo São Francisco, sendo crucial para elucidação de aspectos tanto funcionais, quanto simbólicos das ocupações realizadas por grupos que visaram nesse lugar um espaço para sepultar seus mortos durante uma longa duração.

1.1 O SALVAMENTO

O sítio Justino foi um sítio ímpar para a região de Xingó por ter sido escavado em sua amplitude, além de contar com uma multiplicidade de enterramentos e tantos outros vestígios. A equipe de escavação iniciou o trabalho seguindo a metodologia de escavação em xadrez, por níveis artificiais de 10 x 10 centímetros, como podemos ver nas figuras 2 e 3.



Figura 2 - Escavação do Sítio Justino Em Xadrez

Fonte: CARVALHO, 2007, p. 242



Figura 3 - Escavação do Sítio Justino.

Fonte: Acervo Max.

Houve uma mudança na metodologia de escavação no decorrer do projeto. “Inicialmente pretendíamos, utilizar a técnica de Xadrez, todavia, os esqueletos humanos começaram a prolongar-se de uma quadrícula pra outra, tornando-se necessária a abertura das quadrículas que segundo a técnica não seriam escavadas” (VERGNE & AMANCIO-MARTINELLI, 1992). Então, após o uso não efetivo da metodologia estabelecida, o projeto seguiu uma nova proposta de escavação, essa em superfícies amplas (VERGNE, 2002; 2005),

para contemplar a quantidade de sepultamentos que estavam sendo evidenciados, resultando na planta baixa da figura 4.

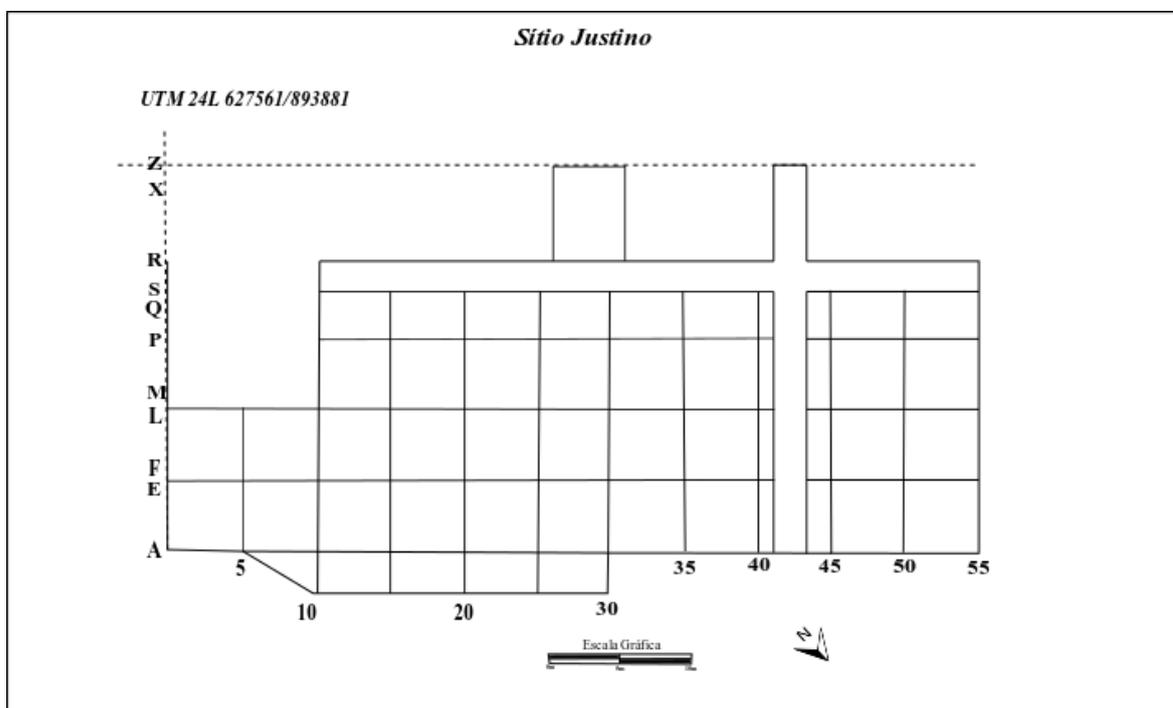


Figura 5- Planta Baixa do Sítio Justino. FONTE: ACERVO DO MAX.

Optamos nesta monografia, ao invés de seguir a nomenclatura existente nos croquis de distribuição de vestígios (por camada), usar o termo nível, para melhor entender a realidade de uma escavação por níveis artificiais de 10 centímetros proposto pela metodologia de salvamento. É importante salientar que o olhar do pesquisador pode ser direcionado pela metodologia empregada e é imprescindível entender os procedimentos metodológicos empregados em campo para, posteriormente, elucidarmos sobre a formação do registro.

Na documentação do salvamento e em textos posteriores, Vergne (1997; 2001; 2004) menciona 30 fogueiras e 355 manchas escuras, sendo que as últimas foram genericamente chamadas de “paleofogueiras”. Aparentemente, o único diferencial entre os dois tipos de estruturas de combustão é a presença de pedras. Achamos por bem, entender tanto as fogueiras estruturadas quanto as manchas escuras, como estruturas de combustão, salientando que, pelo número elevado de manchas escuras, achamos cabível analisar somente aquelas

próximas das fogueiras “estruturadas”, para a melhor compreensão dos eventos que envolviam o fogo no registro.

Por fim, não é de forma alguma o intuito desse trabalho, desqualificar o processo de salvamento e/ou qualquer trabalho já feito no sítio. Muito pelo contrário, o que propomos aqui é uma reflexão sobre as terminologias que resolvemos adotar para esta pesquisa, contribuindo para o conhecimento sobre as práticas funerárias dos grupos que ocuparam o sítio em sua longa duração.

1.2 AS FASES DE OCUPAÇÃO DO CEMITÉRIO.

O sítio Justino forma hoje uma das maiores necrópoles do Brasil, contando com mais de 200 esqueletos, que estavam distribuídos em 55 camadas (VERGNE, 2004). O sítio foi dividido em 4 cemitérios (A, B, C, D) conforme (VERGNE, 2004), sendo que o cemitério “D” o mais antigo e o “A” o mais recente. Alguns trabalhos realizados no referido sítio (e.g. FAGUNDES, 2007; FOGAÇA, 1997; JERÔNIMO & CISNEIROS, 1997; MELLO et al., 2007; SILVA, 2005) formam hoje um guia para entender a indústria lítica das ocupações dos sítios na região. Os estudos relacionados ao material lítico de Xingó foram utilizados por Fagundes (2007) para delimitar os níveis de ocupação do sítio Justino.

Fagundes (2007) seguiu a divisão descrita por Vergne (2004) de cemitérios e caracterizou cinco fases, com diversas ocupações, inclusive momentos de abandono do sítio, como pode ser observado na tabela 1, a seguir:

	FASES	NÚMERO DE OCUPAÇÕES	NÍVEIS	PROFUNDIDADES	DATAÇÕES
CEM D	FASE 01	01	59-51	Intervalo de 0,80m entre 6,00 e 5,20 m	Sem datação
		02	50-43	Intervalo de 0,70m entre 5,20 e 4,40m	Sem datação
	FASE 02	01	42-35	Intervalo de 0,70m entre 4,40 e 3,60m (nível 40)	8950 ± 70 AP
CEM C	FASE 03	01	34-29	Intervalo de 0,50m entre 3,60 e 3,00m (nível 30)	5570 ± 70 AP
		02	28-22	Intervalo de 0,60m entre 3,00 e 2,30m	Sem datação
		03	21-16	Intervalo de 0,60m entre 2,30 e 1,70m (nível 20)	4790 ± 80 AP
CEM B	FASE 04	01	15-09	Intervalo de 0,60 m entre 1,70 e 1,00m (níveis 13, 10 e 8 respectivamente))	3270 ± 135 AP 2650 ± 150 AP 2530 ± 70 AP
CEM A	FASE 05	01	08-04	Intervalo de 0,40m entre 1,00 e 0,50m (nível 06)	1780 ± 60 AP
		02	03-01	Intervalo de 0,20m entre 0,50 e 0,20m (nível 03)	1280 ± 45 AP

Tabela 1 - Ocupações do Sítio Justino (Segundo Vergne, 2004 e Fagundes, 2007)

A primeira fase, relacionada ao cemitério D, se trata de uma ocupação associada a grupos caçadores-coletores, com 5 sepultamentos que Fagundes (2007) correlaciona com indivíduos da ocupação posterior. Conta também com poucos vestígios líticos, algumas fogueiras e poucas manchas escuras.

A fase 2 foi datada em 8.950 anos A.P. (VERGNE, 2002), a partir de uma fogueira no nível 40. Essa fase é uma continuação da anterior, sendo o início do que Vergne (2004) compreende como cemitério D.

Na fase 3 (ou cemitério C), uma das fases mais importantes para entender o sítio, é possível identificar uma queda na quantidade de remanescentes humanos e de materiais, o que Fagundes (2007) interpretou como um momento de enchente do rio São Francisco. Contudo, na parte superior dessa fase, a partir do nível 22, há um crescimento no número de sepultamentos, a inserção da cerâmica em contexto ritual, a presença de maior número de fogueiras, de materiais líticos, de fauna, queimada e não queimada, entre outros materiais. O acréscimo na quantidade de sepultamentos, inclusive nas formas de sepultar, incrementadas com práticas relacionadas ao fogo, sugere uma utilização do sítio mais intensa.

As fases subsequentes 4 e 5 (correspondentes aos cemitérios B e A) acompanham o crescimento na densidade de material e é onde observamos as formas de sepultamentos mais

diversificadas, com o uso da cerâmica como enxoval funerário e fogueiras distribuídas por todas as áreas de sepultamentos.

As fases de ocupação foram relacionadas ao lítico, sendo que, para o sítio Justino há um caloroso debate acerca da ideia de estilo. Apesar de se tratar de uma indústria expediente, segundo Fagundes (2007), é importante um estudo sistemático para entender as ocupações dessa região. Algo que nos surpreendeu foi a quantidade de 30 fogueiras e 355 manchas escuras e a forma como elas estão relacionadas com o material lítico, o que de fato, nos levar a refletir sobre a participação dessas estruturas de combustão no contexto sistêmico.

O sítio Justino conta com uma multiplicidade de vestígios, oriundos das diversas ocupações do sítio e de diversas ações. Vimos que a presença de fogueiras e manchas escuras advindas de processos de combustão ocorre em quase todos os níveis do período cerâmico do sítio, período onde é possível identificar um aumento na densidade de cultura material, que corrobora num uso mais intenso do sítio para sepultar os mortos.

Recentemente Silva (2017), dissolve a ideia de cemitérios (A e B) e apresenta uma nova proposta para o sítio Justino, configurada por três intervalos, que vislumbra agrupar os sepultamentos em níveis levando em conta o espaço mínimo que um indivíduo ocupa na cova. Esses intervalos ficaram divididos da seguinte forma: “40-140 cm (onde há presença de sepultamento associado a vasilhames cerâmicos), a divisão está configurada em três pacotes: Intervalo I (40-70 cm); Intervalo II (70-100 cm) e Intervalo III (100-140 cm) em sua distribuição temporal no sítio” (SILVA, 2017, p. 124). Achamos por bem, seguirmos essa definição para uma melhor coesão das áreas de sepultamentos compreendidas no sítio.

1.3 OS MORTOS

Dentre os sepultamentos evidenciados no sítio, contamos com uma diversidade nas formas de enterramento, divididos em fletidos, semi-fletidos, dorsal, decúbito lateral direito, decúbito lateral esquerdo e secundários, divididos entre indivíduos adultos e não-adultos.

Grande parcela desses sepultamentos foi analisada por Carvalho (2006), durante seu doutoramento. Dentre os aspectos bioantropológicos, as paleopatologias, estimativa de idade, sexo, estatura, entre outros, foram os pontos principais para a sua pesquisa. Com uma amostra de 154 esqueletos, estimados como masculino, feminino, crianças e indeterminados, a autora diagnosticou ainda doenças infecciosas, motoras, de carência e fraturas, as quais culminaram

na interpretação de que, em vias gerais, os grupos que utilizaram o sítio Justino como cemitério possuíam densidade demográfica relativamente grande, sendo possível observar que durante o período cerâmico surge uma verdadeira explosão de doenças relacionadas a estresse alimentar, denotando falta de alguns tipos de nutrientes, que Carvalho (2006) ligou a uma alimentação pautada no consumo de peixe e vegetais, com pouca evidência de carne de caça. Dentre essas patologias, vale ressaltar as relacionadas aos dentes, pois está diretamente ligada a forma como a(s) população (es) se alimentava(m). A evidência de tártaro, abrasão dentária severa, abscesso, entre outras, mostram um panorama da saúde bucal que, em alguns casos, era bastante grave, corroborando também numa dieta à base de peixes.

Ainda sobre os sepultamentos, é possível observamos que alguns enterramentos apresentaram adornos, tanto em ossos, quanto em vidro (SILVA, 2017). Dentre os mais chamativos estão os tembetás e os feitos de ossos de animais (principalmente aves e gastrópodes).

1.4 AS CERÂMICAS E O BANQUETE PARA OS VIVOS E PARA OS MORTOS

O trabalho de Suely Luna (2001), um dos primeiros trabalhos densos sobre o sítio Justino, centrou-se na caracterização da ocupação ceramista de alguns sítios da região, como o Justino, São José, Porto Belo, Vitória Régia, Curitiba, entre outros (Figura 1). Levando em consideração a densidade do material cerâmico, a autora, mesmo que timidamente, constatou que esses sítios poderiam ser aldeias que foram usadas por um longo espaço de tempo (LUNA, 2001).

A pesquisadora realizou uma análise técnica (morfologia, tipologia, tecnologia) a fim de encaixar os artefatos em tradições e entender como se deu a ocupação ceramista dos sítios da região, identificando então, cerâmicas associadas à tradição Tupi-guarani e à tradição Aratu, além de uma terceira cerâmica sem filiação.

Luna (2001) também pretendeu em seu trabalho estabelecer uma relação das cerâmicas do baixo e médio São Francisco, associando aos sítios dunares do médio curso, que também são constituídos por sítios cemitérios e habitacionais. Ela ainda afirma que:

Do ponto de vista técnico, apresenta características bastante diversificadas em relação aos tipos de aditivo e de tratamento das superfícies dos objetos cerâmicos. Podem-se observar traços em comum com a cerâmica dos complexos dunares do

sub-médio São Francisco, no caso específico de alguns dos tipos de tratamento de superfície (LUNA, 2001, p.264).

Posterior ao estudo de Luna (2001), Dantas e Lima, no livro intitulado ‘Pausa para um Banquete’ (2006) analisam os vasilhames cerâmicos inteiros e parcialmente inteiros do Justino a fim de entender como tais artefatos foram utilizados no decorrer da sua ‘vida’. Foram analisados 30 vasilhames a partir da descrição dos tipos de queima, do antiplástico, diâmetro dos vasilhames, nível de degradação das paredes, marcas de uso, manchas de oxidação, entre outros itens comuns a análise do material cerâmico. Os pesquisadores perceberam recorrência nas manchas de oxidação e de uso e, com isso, afirmaram que todos os vasilhames analisados foram utilizados para o cozimento de alimentos. Porém, não apresentavam marcas de uso contínuo/diário, ou seja, os recipientes foram pensados e feitos para um ato específico.

As principais alterações observadas – Fuligem e mancha de oxidação – estão sugerindo que houve um contato direto das panelas com o fogo alto e em temperaturas elevadas. Alimentos aí foram cozinhados durante algum tempo, uma ou mais vezes, e em seguida parece ter ocorrido uma mudança de função. Os mesmos vasilhames que preparavam comidas foram incorporados ao contexto funerário, acompanhando os mortos, quer sendo dispostos próximo ou sobre os seus corpos, como atestam as peças que contém ossos humanos (DANTAS & LIMA, 2006, p. 140).

Para os autores, os vasilhames analisados serviram para a configuração de um banquete funerário (ver Figura 5), que constituía no preparo do alimento para os vivos e para os mortos, sendo uma prática já observada em grupos descritos pela etnografia. Essa relação de ritual funerário e preparo de alimentos integrava parte da cosmologia da população que utilizou o sítio Justino¹ (DANTAS & LIMA, 2006).

¹É importante ressaltar que este trabalho não teve acesso aos croquis de distribuições espaciais dos vestígios cerâmicos no sítio, analisando apenas os vasilhames.



Figura 6 - Sepultamento com cerâmicas recobrindo o crânio e a cintura pélvica.

Fonte : Acervo Do Max

Essa utilização da cerâmica do sítio Justino nos demonstra o contexto ritual da Necrópole, sendo uma evidência da interação dos vivos com os mortos, a ideia de um banquete para ambos. A relação entre um ritual funerário que reúne grupos em meio à comida, nos leva a pensar onde esse banquete seria preparado. Seria o fogo um elemento ritual para esse preparo? Através da etnografia será possível refletir como alguns grupos se relacionam com os mortos e com o fogo.

2. O FOGO E SEU TEOR SIMBÓLICO: UMA BREVE REFLEXÃO

A experiência humana de controle do fogo tornou-o um agente nas relações sociais, imbuído de valores simbólicos e dotado de um poderoso aspecto técnico transformador (CAROMANO, 2017, p. 20).

Esse capítulo é destinado a explicar o fogo e seus diversos usos em diferentes sociedades. Lembrando que, exemplificar os usos do fogo em contextos etnográficos e arqueológicos é apenas um meio de levantar uma reflexão, sem pretensão de fazer analogia direta, pois acreditamos haver uma distância espacial e cronológica em relação ao contexto do sítio dessa pesquisa. O que intentamos é usar exemplos para fazer uma reflexão sobre o simbolismo do fogo e como os grupos relacionam-se com esse elemento.

Falar sobre o fogo é também falar da história da humanidade; grandes mudanças foram introduzidas pela inserção desse elemento nas vidas de nossos ancestrais que foram modificados “(...) através do convívio próximo e diário com o fogo e seu calor, sons, cores e odores” (GHEORGHIU & NASH, 2007a, p. 18; apud: CAROMANO, 2017, p. 31). O fogo é considerado um agente transformador em inúmeros aspectos, havendo evidências antigas de hominídeos que se relacionavam com o fogo, a princípio de maneira oportunista e, posteriormente, criando-o e dominando-o (HALL, 1984).

Contudo, é difícil estipularmos uma data para o início do uso do fogo antropogênico; acredita-se que os primeiros hominídeos a usá-lo foram os *Australopithecus e Homo erectus*. Foram evidenciados em uma caverna em Vertesszollos, na Hungria, ossos de *Homo erectus* associados a fogueiras que datam do Pleistoceno médio (± 125 mil anos A.P.) (COLES & HIGGS, 1969; apud: HALL, 1984). Com relação ao *Australopithecus*, contamos com controvérsias: alguns pesquisadores encontraram nas cachoeiras Kalambo na Zâmbia fogueiras associadas a líticos relacionados a esse hominídeo (CLARK, 1969; apud: HALL, 1984), mas o caso é pouco conclusivo devido à falta de evidências da intencionalidade das fogueiras.

Como pode-se perceber o fogo tem sido usado há tempos, sendo um elemento que transformou a humanidade para sempre e trouxe no âmbito tecnológico um verdadeiro advento, e com isso tomando destaque entre os diferentes grupos (HALL, 1984;

CAROMANO, 2017). A forte ligação com a mitologia de diversas sociedades é o que caracteriza o fogo como um elemento transformador e também integralizador do ponto de vista simbólico. Os símbolos atribuídos ao fogo são diversos; vale ressaltar o mito de Prometeus, o Titã do fogo que, segundo Sottomayor (2001), ao dar o domínio do fogo aos humanos é punido com o sofrimento de ter seu fígado devorado por uma águia pela eternidade, pois com o fogo, os humanos deixaram de rezar aos deuses, logo, Zeus resolveu puni-lo. Esse é o exemplo mais conhecido do simbolismo e do valor sacro que o fogo tem para tantas culturas ocidentais. Assim como no velho e no novo testamento da bíblia, que narra o fogo sendo oferecido a Deus de forma a interligar os devotos ao criador, sendo o fogo um interlocutor do sagrado, ligado à comunicação, assumindo papel sacro fundamental.

Devido a sua natureza efêmera, estudar o fogo como cultura material é extremamente complexo, onde “geralmente é inferido a partir de seus efeitos materiais indiretos” (CAROMANO, 2017, p. 24) tais quais: carvões, estruturas de fogueiras, vestígios queimados, entre outros. Portanto, no decorrer desse capítulo explanaremos mais sobre esse elemento tão misterioso e fascinante.

2.1 UMA BREVE HISTÓRIA DO USO DO FOGO

O fogo e as sociedades estão interligados em variados pontos, seja de maneira funcional, seja de forma ideológica, a exemplo de alguns grupos do sudeste da África onde o fogo era usado para firmar alianças entre tribos, utilizado para solidificar casamentos e tratados de paz entre grupos, na seguinte prática, comum principalmente entre os Zulus², os elementos rituais interagem com os movimentos sociais da mesma forma:

(...) fire has a central role in the ritual of marriage of a woman of the paramount house to a chief of a subordinate group, and thus in the maintenance of political control. Hearth fires were first extinguished and then rekindled by order of rank with brands taken from the paramount's homestead. In this way the royal brides “put out

²Os zulus são conhecidos como um povo guerreiro que resistiu às invasões imperialistas. Eles compõem a maior etnia em meio aos vários grupos étnicos existentes na África do Sul, além de representar aproximadamente um quarto da população desse país. Atualmente, os zulus habitam a parte do continente africano que abrange territórios correspondentes à África do Sul, Lesoto, Suazilândia, Zimbábue e Moçambique (DASILVA, 2015).

the powers of one reign and brought in the flame of its successor” (SANSOM, 1974; apud: HALL, 1984, p. 41).³

Ainda no Sudeste da África, especificamente no sudeste de Moçambique, entre os Thongas foram relatados tabus relacionados ao fogo, sendo proibida a manutenção do fogo em uma tribo falecida e a elaboração de novos incêndios afastaria grandes desgraças, além de ter pessoas responsáveis pela manutenção e criação de novos fogos (fogueiras, queimada de roças e etc...) (HALL, 1984). Dentre os mitos de origem Thonga, um dos ancestrais é *Likalahumba*, ligado à origem do fogo e do próprio povo Thonga, por isso há o respeito com o manuseio do fogo para os membros desse grupo (JUNOD, 1962; apud: HALL, 1984).

Para os Bembas da Zâmbia, antes de se assentarem numa nova aldeia, primeiramente, todo o espaço era queimado com o fogo sagrado. Só depois desse ritual, onde o fogo era usado como agente sacralizador, por e para eles, que os Bembas começavam a construção de uma nova aldeia, pois ao queimar uma área eles expulsariam os maus espíritos e os agouros (RICHARDS, 1939; apud: HALL, 1984).

Como as culturas são formadas através de processos ideológicos e hereditários, concluímos que, aspectos relacionados ao fogo são manifestações inerentes às mesmas, podendo ocupar várias escalas dentro da estratificação cosmológica dessas sociedades.

Já do ponto de vista funcional, o fogo associado a elementos ideológicos ocorrem em alguns casos de práticas cotidianas dos grupos, como no preparo de alimentos. Para exemplificar melhor, Hall destaca que “fires (...) are invariably adjuncts to food procurement, either to increase the productivity of important food supplies or to remove vegetation and allow the planting of fields with domestic crops” (1984, p. 42).

De acordo com Hall (1984), o fogo é um elemento de transformação, tanto dos alimentos, quanto do próprio ambiente, mesmo em uso doméstico/cotidiano ele assumiria o status de agente de transformação. Partindo dessa premissa, vimos à necessidade de explicar ainda mais as relações que as sociedades tinham e têm com o fogo, principalmente entre os

³ Fogo(..) tem um papel central no ritual do casamento de uma mulher da casa primordial para um chefe de um grupo subordinado e, portanto, na manutenção do controle político. Os fogos de lareira foram extintos pela primeira vez e, em seguida, reacendidos por ordem de patente, com marcas retiradas da propriedade principal do primogênito. Desta forma, as noivas reais “puseram fora os poderes de um reinado e trouxeram a chama de seu sucessor” (SANSOM, 1974; apud: HALL, 1984, p. 41). Tradução nossa.

indígenas brasileiros, quando vemos diversas manifestações sobre o seu uso e função, nos relatos etnográficos e em pesquisas arqueológicas.

2.2 O USO DO FOGO NA ETNOGRAFIA.

Pensando um contexto mais próximo ao nosso, voltamo-nos ao Brasil, mais especificamente aos exemplos da Amazônia, onde contamos com literatura mais robusta sobre os hábitos e cosmologias indígenas, seja em contextos pré-coloniais, seja em contextos pós-contato com o europeu. Na Amazônia, o fogo fazia parte de mitos, rituais funerários, ritos de passagens, entre outros (BRABO, 1979; BRONDÍZIO, 2006; HECHT, 2003; SCHMIDT, 2008; apud: CAROMANO; CASCON; MURRIETA, 2006). Veremos aqui alguns exemplos dessa interação.

É possível observar entre os Asurinís, população de origem Tupi que ocupa/reside o médio Rio Xingu, que o fogo está relacionado às práticas agrícolas e também associado às entidades. Ao usá-lo no cultivo e na abertura de áreas para plantio, ele é atribuído a *Aí* uma entidade Assurini responsável pelo fogo bonito (CAROMANO et al., 2006) que protege os membros da aldeia de maus espíritos e perigos da floresta. O fogo bonito produzido por *Aí*, é o fogo controlado que queima sem agredir os queimadores (Ibidem). Posey, em 1987, argumenta que o fogo é o principal fator da formação da paisagem Amazônica trazendo à tona a questão do manejo humano da floresta (apud: CAROMANO et al., 2016). Para os Assurini, o fogo é um elemento importante até hoje, e sua cosmologia ligado à origem do povo Tupi está em volta de histórias que exemplificam a relação desses grupos com o fogo. De acordo com o antropólogo Fausto (2008, p. 338), “o fogo culinário é o exemplo mais famoso: nos mitos tupi-guarani, o roubo do fogo que pertencia ao urubu faz com que os humanos se tornem comedores de carne cozida em oposição à necrofagia (...)”. Para os Tupi, o fogo é um ser adorado e respeitado por fornecer benefícios, mas também dever ser temido, pois pode trazer desgraças. Ele interliga esferas, sempre transitando entre funcionalidade e simbolismo.

A fim de exemplificar ainda mais a relação que grupos indígenas amazônicos tinham com o fogo, é possível observar o caso dos Waris⁴, que constituíam dentro dos seus mitos de

⁴ Os Wari' constituem um dos poucos remanescentes da família lingüística Txapakura, dado que a maior parte dos falantes de línguas dessa família encontrava-se extinta já no início do século XX.

passagens a ideia de transgressão do corpo. Para eles, é no corpo que vivemos e o espírito não possui traços físicos do vivo, por isso, após a morte o corpo deve ser queimado ou consumido para que haja a libertação do espírito, sendo o sepultamento no solo algo extremamente impensável (RAPP PY-DANIEL, 2015). O fogo, nesse caso, seria um agente de libertação da alma e a não elaboração desse ritual ocasionaria em problemas aos vivos.

Vemos a importância dada ao fogo para esses grupos, onde a vida e a morte se misturam aos hábitos diários e os rituais fazem parte da visão de mundo, elementos hábeis a interpretação e descrição, sendo o mundo espiritual/mitologia muito próximo ao mundo físico.

É comum a quase todas as culturas amazônicas a transfiguração dos mortos, espreitando e ‘vivendo’ na memória dos grupos, ao mesmo tempo em que os vivos exercem elaborados rituais aos mortos, preocupam-se em se manter do outro lado, sendo os ancestrais ora maus, outrora bons à tribo (BARRETO, 2008). Além da interação que os grupos exercem com os mortos, é notória a relação do corpo e sua desintegração, para que haja a transformação do espírito, sendo que, um agente fundamental para a elaboração dessas práticas é o fogo, um elemento mágico simbólico e funcional crucial para os ritos desses povos.

Cristiana Barreto, em 2008, descreveu um famoso ritual elaborado por grupos xinguanos: o Kuarup. Esse ritual é bastante complexo, havendo muitas nuances mitológicas. No início do Kuarup, postes de madeira, que levam o mesmo nome do ritual, são preparados para representar os entes mortos. Eles são adornados como se fossem membros vivos do grupo e, durante o dia, são entoados cânticos, danças e lutas. Ao anoitecer, os xamãs acende uma fogueira a frente dos postes (Figura 4).

Esse fogo é essencialmente poderoso, pois tem função de impedir que as pessoas que estão dentro dos postes virem *mamaés* (espíritos), “(p)ortanto, neste caso, após a morte, as almas dos humanos não ocupam ou nem transformam em animais, tampouco em entes sobrenaturais, mas continuam humanas” (BARRETO, 2008, p. 77). Vale ressaltar que o fogo é tão importante nessa cultura, que tem a capacidade de retardar transformações da alma dos xinguanos.



Figura 7- Troncos do Kuarup Xinguano. Fonte: Barreto, 2008, P. 35.

Observamos que o fogo e as sociedades da Amazônia têm uma relação extremamente próxima, onde a vida e a morte se misturam aos hábitos diários e os rituais fazem parte da sua visão de mundo. Vimos a importância dada ao fogo para esses grupos em que o mundo espiritual/mitológico muito próximo ao mundo físico. Dessa forma, o fogo possui tão diversos e complexos eixos rituais, sendo possível que todas as culturas tenham alguma relação simbólica com esse elemento.

O estudo do fogo vem crescendo em pesquisas em sítios arqueológicos, para elucidação de aspectos tanto cotidianos, quanto simbólicos (e.g BILLE & SØRENSEN, 2014; BEAUCLAIR et al., 2009; CAROMANO, 2017;; MARTÍN & FORLAN, 2005; RIBEIRO, 2002) . Remanescentes de fogo em contextos arqueológicos é resultado de processos sociais, verdadeiros testemunhos de hábitos passados, que foram enterrados junto com a história de um povo (BEAUCLAIR et al., 2009). Sendo a arqueologia uma ciência que estuda a sociedade através da cultura material, entendemos que o fogo constitui um artefato, logo ele é passível de interpretação.

2.3 O USO DO FOGO EM PERÍODOS PRÉ-COLONIAIS: ARQUEOLOGIA.

As pesquisas arqueológicas no Brasil utilizaram com mais frequência enfoques com base em análise lítica, cerâmica, de registro rupestre e arqueofauna, elementos cruciais para desvendar como viviam os habitantes do passado. Contudo, dentro das pesquisas, um tipo de vestígio muito bem registrado, mas pouco profundamente estudado, são as fogueiras. Segundo Odgaard (2007), a fogueira de uso cotidiano é entendida como o *centro da vida* e possuidora de papéis cruciais, não somente funcionais, mas também simbólicos (apud: CAROMANO,

2017, p. 32). Ao longo dos anos, com o aumento do interesse em pesquisas em paleoetnobotânica e, principalmente, a partir do uso da antracologia, foi dada maior importância às fogueiras e, conseqüentemente, ao fogo.

O trabalho de Beauclair e colaboradores (2009), desenvolvido no Sítio Morro Grande, Rio de Janeiro, é um exemplo da aplicação dos métodos da antracologia. O sítio, ligado à ocupação Tupinambá, possuía fogueiras associadas a sepultamentos, o que demonstra a inserção do fogo no sítio, associado a elementos rituais ligados aos mortos. Os autores, citando relatos etnográficos, construíram uma argumentação sobre o fogo.

Tupi funerary rituals vary greatly. (...) Nevertheless, some elements attached to these mortuary rituals seem invariable in space and time, especially the use of fire in funerary ceremonies and the facts of keeping the dead in the proximities and of avoiding the contact of the body with the soil (RIBEIRO, 2002; apud: BEAUCLAIR et al., 2009, p. 1412).⁵

De acordo com Beauclair et al. (2009), as fogueiras associadas aos sepultamentos formam parte da oferenda ao morto, acesa e oferecida a fim de espantar maus espíritos e auxiliar na transição ao mundo dos ancestrais, asseverando uma interação extremamente complexa. Nesse caso, do ponto de vista cosmológico, o fogo é um agente fundamental para cada enterramento, pois sem ele o morto tende a se desorientar ou até mesmo a não conseguir achar o caminho para a terra dos ancestrais.

Vejamos também o caso dos sambaquis no sul do país. Estudos sobre as práticas rituais no sambaqui Jaboticabeira II elucidaram sobre como populações sepultavam seus mortos e como utilizavam o fogo nesses rituais. Esse sítio apresenta sepultamentos associados a fogueiras, as quais foram interpretadas como resquícios dos festins funerários (KLOKLER, 2008). Além das fogueiras serem recorrentes nas áreas dos sepultamentos, ainda foi possível identificar madeiras aromáticas que foram queimadas (BIANCHINI et al., 2007) provavelmente durante esses festins, sendo a queima um incremento performático durante o ritual (KLOKLER, 2008).

⁵ Os rituais funerários dos tupis variam muito. (...) No entanto, alguns elementos ligados a estes rituais mortuários parecem invariáveis no espaço e no tempo, especialmente o uso do fogo em cerimônias funerárias e os fatos de manter os mortos nas proximidades e de evitar o contato do corpo com o solo (RIBEIRO, 2002; apud: BEAUCLAIR et al., 2009, p. 1412). Tradução nossa.

Sobre os festins, Klokler (2012) sugere uma relação entre as fogueiras (fogo) e a fauna do sítio, principalmente a ictiológica, com uma forte conotação a esses vestígios, vide o grifo abaixo:

Após a celebração os vestígios do banquete foram termicamente alterados antes de sua deposição final nas áreas de sepultamento. A queima do material associado à grande quantidade de matéria orgânica fez com que a camada que contém enterramentos seja enegrecida (como consequência facilitando sua identificação por arqueólogos). Esse tratamento distinto do refugo dos festins reforça sua característica ritual (KLOKLER, 2012, p. 93).

Desta forma, é possível observar neste contexto elementos rituais ligados ao fogo, à fauna, aos festins e aos mortos.

Aproximando-nos do contexto do nosso sítio, no abrigo sob-rocha Gruta do Padre, localizado na cidade de Petrolândia (BA), observou-se dentre as práticas mortuárias que “o grupo étnico que utilizou a Gruta do Padre como cemitério, queimava os corpos dos seus defuntos fora da gruta (...)” (MARTÍN, 1998; apud: CISNERO, 2003, p.92). Ainda às margens do rio São Francisco, no seu médio curso foi investigado os sítios dunares de Zorobabel, onde:

Ossos humanos evidenciados nas primeiras intervenções nas dunas de Zorobabel encontravam-se dispostos em covas, bastante **queimados** e quebrados, levando-nos a supor que parte dos enterramentos é secundária. A grande quantidade de cinzas junto aos esqueletos sugere a construção de fogueiras sobre a cova (CISNEIRO, 2003, p. 93, **grifo nosso**).

Sítios com a associação direta ou indireta com o fogo são recorrentes. Porém, possíveis relações com aspectos rituais nem sempre são exploradas, sendo que, na arqueologia, os elementos que contam a história do fogo são fontes indiretas, resquícios do seu uso (ALPERSON-AFIL, 2014; CAROMANO, 2018). A fim de entendermos ainda mais sobre como esse elemento ígneo se insere nas sociedades, é preciso conceber que o fogo possui uma história própria que se mescla com a história dos grupos, por isso, devemos nos ater a ele na tentativa de (re)construir seus passos e assim entendermos o restante da história dos grupos.

3. ARQUEOLOGIA DO FOGO OU PIROARQUEOLOGIA: UM NOVO OLHAR

O fogo e seus significados são observados em inúmeras sociedades, seja dentro dos rituais, para festins, modificações paisagísticas, entre outros. Vimos também que o fogo está majoritariamente associado a funções simbólicas mesmo em contextos mundanos (CAROMANO, 2017), dado a importância das fogueiras domésticas, já citadas no item 2.3 desta monografia.

Seguiremos as premissas da recente *Archeology of fire*, descrita por Gheorghiu & Nash (2007) e Alperson-Afil (2012), os quais entendem que o fogo possui caráter cultural bem sedimentado e que através de uma análise sistemática é possível reconstruir a história desse fogo em sítios arqueológicos. Elementos como combustível, calor, fumaça e arranjo dos carvões também concernem à investigação sobre o fogo.

Os principais vestígios conectados ao fogo em sítios são as fogueiras e/ou marcas escuras no solo. Essas estruturas são bastante registradas por pesquisadores, devido às potencialidades para datação. Alperson-Afil (2012) assevera que através dos estudos voltados para essa fonte ígnea é possível reconstruir não só a história do fogo, como a história do próprio ambiente, quando aliada as outras linhas de pesquisa, como a antracologia e a dendrocronologia.

Alperson-Afil (2012) nos apresenta um estudo de caso no sítio Gesher Benot Ya'aqov, localizado em Israel, onde foram encontradas lascas com marcas de queima e lente de sedimento escuro, que corroboraram para a interpretação de que o sítio estaria associado a homínídeos que estariam utilizando o fogo não só para lascar, mas também para abrir clareiras na floresta. Para ela, a apropriação do espaço e a interação com o meio contribuíra para a dominação e uso do fogo como ferramenta. Ainda segundo Alperson-Afil (2012), o fogo é parte dessa materialidade deixada e incorporada ao registro como um todo, possuindo caráter cultural fortíssimo.

Odgaard (2007) menciona que a arqueologia do fogo, ou piroarqueologia, pode ser aplicada em contextos de:

(...)pyro-technologies of transforming the nature of materials as ceramic studies, archaeometallurgy, glassmaking studies, the pyro-technologies of building and destroying things, the pyro-technologies of cremation, techniques of

food preparation and conservation, systems of heating, techniques of landscape modelling, techniques of war (GHEORGHIU & NASH, 2007.P. 21 APUD. ODGAARD 2007).⁶

O fogo, então, é importante dentro de muitas cosmologias, além do seu caráter funcional/econômico. É nesse contexto que procuramos explicar os aspectos simbólicos do fogo no sítio Justino, a fim de entender ainda mais os aspectos rituais da vida dos grupos que ocuparam o baixo São Francisco.

3.1 ARQUEOLOGIA DO FOGO E SUA APLICABILIDADE EM CONTEXTOS FUNERÁRIOS

O estudo do fogo em contextos funerários tem elucidado e elaborado novos questionamentos, inclusive no que diz respeito ao pensamento arqueológico, sendo o fogo um agente que exerce diversos papéis dentro de inúmeras esferas sociais (CAROMANO, 2017). Seus significados e utilidades transcendem até a nossa compreensão do que é cultura material. Possuindo o fogo duas características fundamentais, o evento no qual foi gerado o registro (fogueiras e manchas escuras) e o fenômeno em si, as ambas são passíveis de interpretação arqueológica.

Em contextos com grande teor ritual e simbólico, o fogo estabelece conexão, sacraliza, desintegra, alimenta, orienta, assume inúmeras outras funções, sendo todas elas ligadas ao sagrado e místico, seja cremando (SØRENSEN; BILLE, 2014; CAROMANO, 2017), fumando e/ou mesmo preparando outros rituais, como os banquetes fúnebres. Os elementos rituais relacionados ao fogo são de fato, bastante complexos e diversos.

Devido a sua efemeridade, o fogo é muito complexo de se entender em seu contexto sistêmico. Porém, o que arqueologicamente podemos é reconstruir sua trajetória dentro do

⁶ (...) Pirotecnologias de transformar a natureza dos materiais como estudos cerâmicos, arqueometalurgia, estudos vidreiros, as pirotecnologias de construção e destruição de coisas, as pirotecnologias de cremação, técnicas de preparação e conservação de alimentos, sistemas de aquecimento, técnicas de modelagem de paisagens, técnicas de guerra (Gheorghiu & Nash, 2007. p. 21 apud (Odgaard 2007). Tradução nossa.

sítio, como já foi mencionado, principalmente no caso do sítio objeto desta monografia, que possui forte teor ritualístico associado às fogueiras.

No próximo capítulo, apresentaremos finalmente as estruturas de combustão e as manifestações do fogo no sítio Justino, apresentando assim, como possivelmente esses grupos estariam se relacionando com o fogo.

4. QUE FOGO É ESSE?

“Fire may devastate us, destroy our homes and engulf our world in fear and desolation, yet at the same time make us dream, create social bonds and keep ourselves alive (SØRENSEN & BILLE, 2014, p. 554).

Neste capítulo, debruçar-nos-emos sobre as fogueiras do sítio Justino, objetos fundamentais para esta pesquisa, pois foram através delas que conseguimos entender como o fogo e os ritos estavam relacionados. Até o momento, o papel das fogueiras no sítio nunca foi levantado de forma aprofundada, sendo apenas essas estruturas mencionadas brevemente em relatórios e publicações, logo, vimos uma necessidade de um estudo focado para o contexto de Justino e para também um contexto regional.

Como mencionamos anteriormente, esta pesquisa prioriza o período onde há a inserção da cerâmica no sítio, que se dá entre os níveis 1 – 22, por se tratar de um momento em que, acredita-se, houve um aumento da intensidade e sucessivo uso do sítio (FAGUNDES, 2007; LUNA, 2001; VERGNE, 2004). Para entendermos melhor essas estruturas de combustão, verificamos a disposição horizontal e vertical das mesmas e dos sepultamentos associados. Além disso, correlacionamos as fogueiras com os intervalos que foram propostos, por Silva (2017).

4.1 AS FOGUEIRAS

As fogueiras do sítio Justino foram evidenciadas e registradas nos croquis com as devidas localizações de vestígios⁷. Como as fogueiras são evidência das atividades desenvolvidas no sítio durante os eventos realizados ao longo de sua ocupação e utilizadas para definição de função de sítio e grau de ocupação do mesmo (p.e. FAGUNDES, 2007; VERGNE, 2004; 2007), resolvemos explorar essas estruturas para melhor entender esses processos. Para isso, nos debruçamos sobre os croquis, documentação, literatura publicada e inserimos os dados disponíveis sobre as fogueiras em tabela no programa *Excel*, com

⁷ Acondicionados no Museu de Arqueologia de Xingó (parte desses croquis foi digitalizada pelo autor, bem como os croquis das fogueiras, vide apêndices)

localização (vertical e horizontal), dados básicos (como diâmetro, cultura material associada, estruturas associadas e quaisquer outras informações consideradas pertinentes à investigação) (Apêndice 1).

Buscamos na literatura sobre o sítio informações correspondentes a essas estruturas. Fagundes (2007) disserta sobre as fogueiras do sítio Justino:

(...) foi possível observar, por meio da análise dos mapas de plotação de vestígios, duas realidades distintas em relação à distribuição das estruturas de combustão: uma para caçadores coletores em que as fogueiras estão localizadas mais próximas as paredes do canyon; e outra para as ocupações ceramistas, em que as mesmas encontram-se dispostas próximas à margem do rio (FAGUNDES, 2007, p. 432).

Fagundes (2007), ao argumentar sobre os dois grandes momentos de ocupação do sítio diferenciou fogueiras ligadas a grupos caçadores-coletores e agricultores-ceramistas. Para esta pesquisa nos propusemos a analisar apenas as estruturas de combustão do período cerâmico. Setenta por cento das fogueiras no sítio estão localizadas no período associado por Fagundes (2007) a agricultores-ceramistas, assim, as fogueiras ligadas a grupos caçadores-coletores por hora preferimos deixá-las de lado para essa primeira análise, e priorizar as ligadas a agricultores-ceramistas, por estarem localizadas num período com um uso mais intenso do sítio.

Contabilizamos 30 fogueiras no sítio, dessas, apenas vinte estavam inseridas no recorte temporal estudado nessa monografia, sendo a nossa amostra composta portanto por 20 estruturas de combustão. A figura 8 demonstra como essas fogueiras estão distribuídas. Para melhor entendê-las usamos Azevedo e colaboradores que, em 2013, definem dois tipos de fogueiras: ritual e doméstica, sendo a primeira resultado da utilização para algum fim ritual, como cremação de indivíduos ou preparo de comida para os ritos, e a segunda, utilizada para tarefas cotidianas.

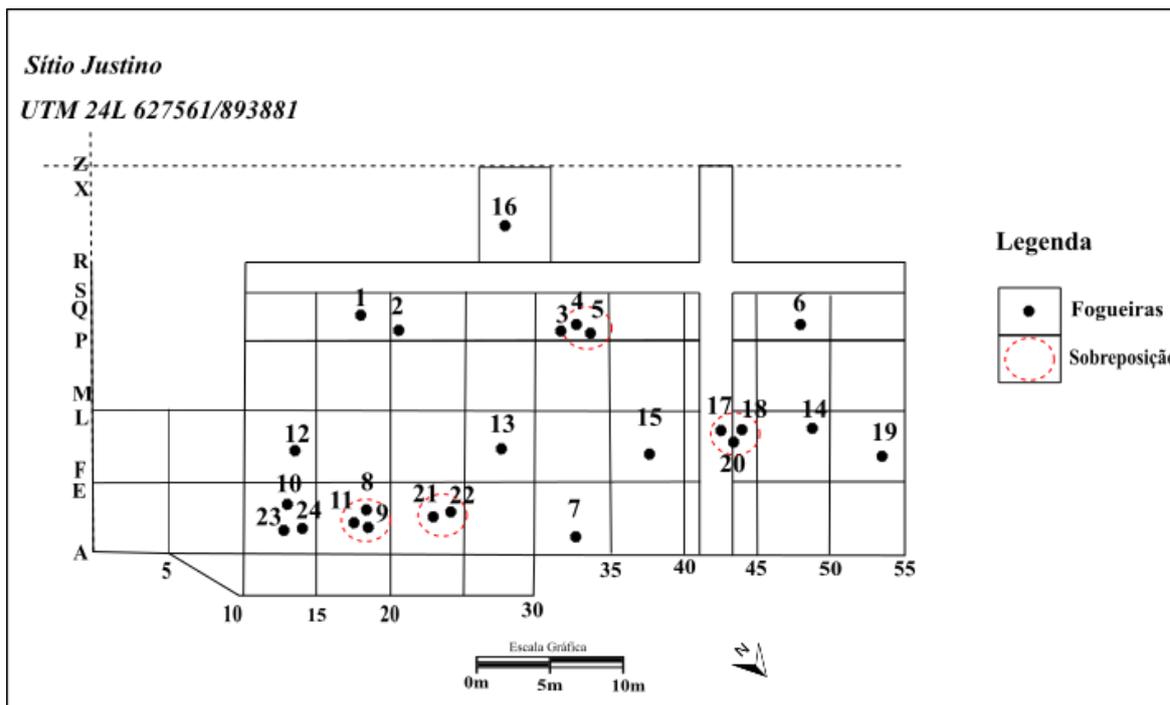


Figura 8 – Distribuição Horizontal das Fogueiras por Toda a Ocupação. Fonte: Acervo Max (Adaptado pelo Autor).

Dentro da nossa análise, definimos duas fogueiras claramente associadas aos enterramentos do sítio, essas estão inseridas no contexto da cova ou em contato direto com o morto, como possuidoras de forte teor ritual, podendo terem sido utilizadas no ritual e/ou para o ritual.

A **fogueira 5**, que está localizada no nível 3, é um exemplo de estrutura que pode ser categorizada como de função ritual. Ela está diretamente associada estando acima do sepultamento 41 (Figura 9), no croqui, observamos o início da sepultura com o indivíduo em meio às pedras da estrutura. Trata se de um enterramento secundário Vergne & Amancio (1992), acreditamos que nesse caso o fogo esteja exercendo o papel de finalizador do ritual. Pensando essa interação entre ritos e fogo, estimamos que essa fogueira fizesse parte do invólucro funerário desse indivíduo.

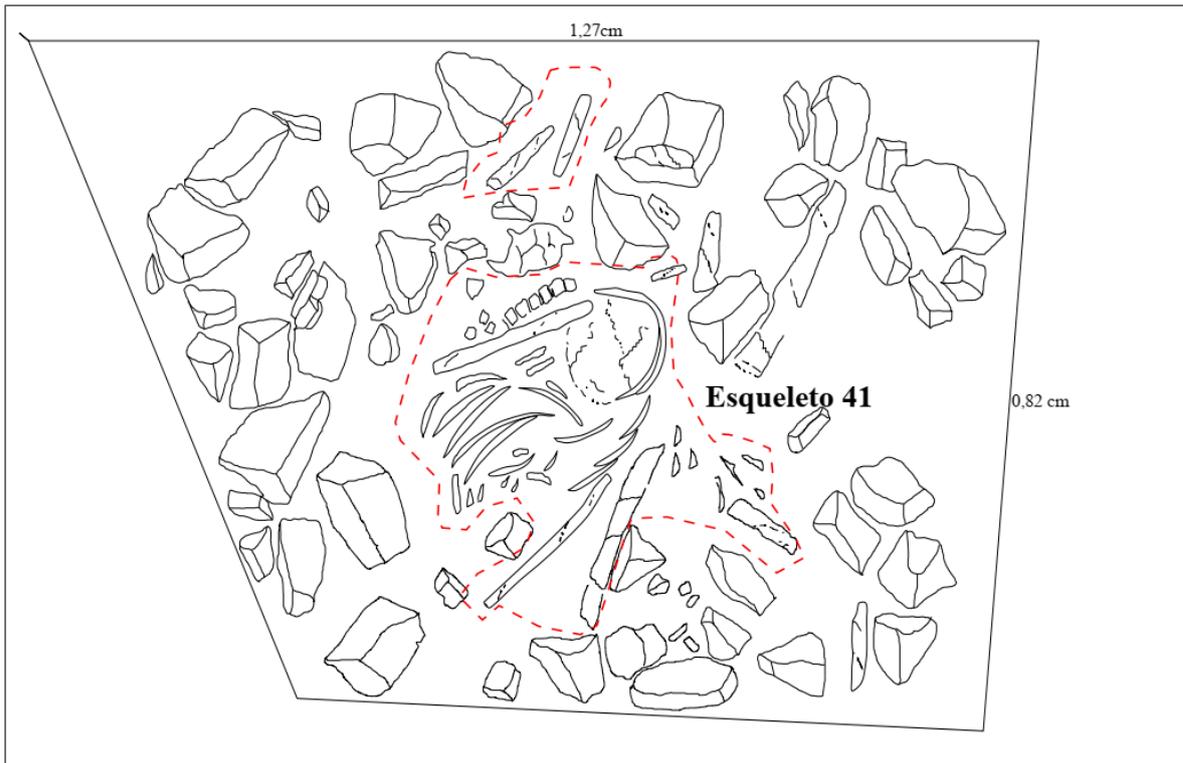


Figura 9 - Croqui da Fogueira 5. Fonte: Acervo do MAX (adaptado pelo autor).

Outra fogueira que nos chamou atenção em relação à proximidade com sepultamento no sítio, foi a **fogueira 19** (Figura 11 A). Segundo Vergne (2004) - e confirmado pelos croquis - ela se encontra acima do sepultamento 105 (Figura 10). Esse sepultamento sofreu um longo

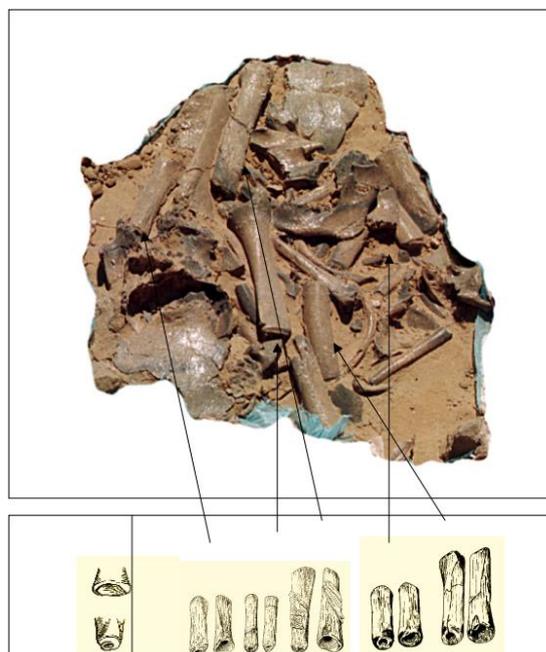


Figura 10 – Sepultamento 105. Fonte: Carvalho, 2006.

ritual funerário, pois se trata de um enterramento secundário onde os ossos longos foram cortados, polidos e queimados (CARVALHO, 2006 e SILVA DOS SANTOS, 2014). Acreditamos que o uso do fogo para a manufatura dos cortes tenha implicado na necessidade da elaboração dessa fogueira específica, o que nos leva a acreditar que o fogo tenha uma maior participação no ritual.

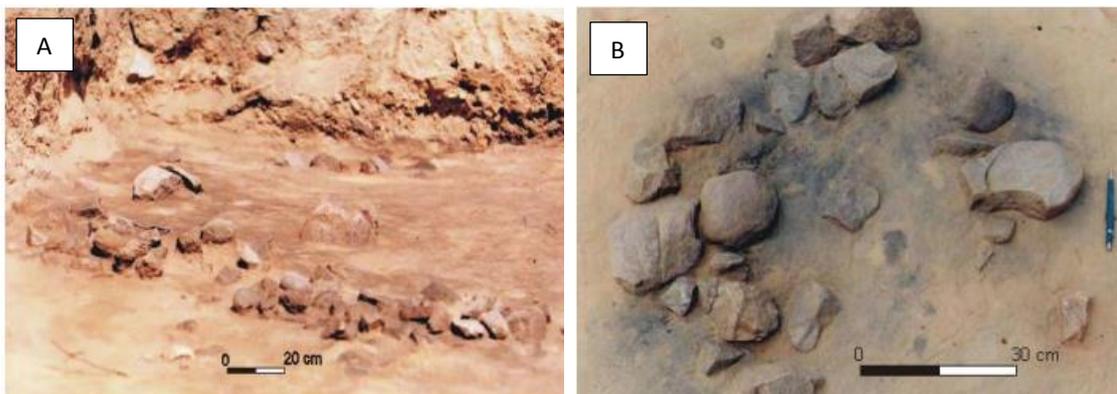


Figura 11 – Fogueira 19 (A) e Fogueira 4 (B) – Fonte: Fagundes, 2007, p. 180.

Podemos observar também que os materiais associados às fogueiras, como líticos, fragmentos cerâmicos e fauna, conforme podemos observar na Figura 12 estão dispostos no entorno da fogueira 15, o que interpretamos com resquício de atividades ligadas a combustão.

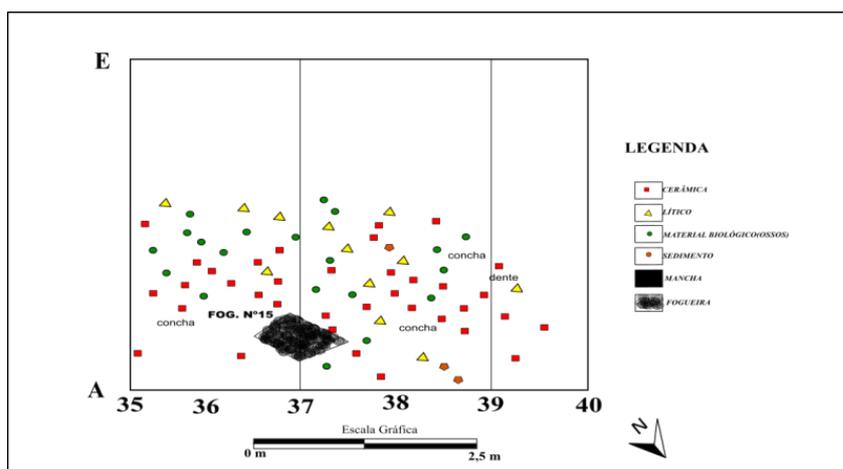


Figura 12 - Croqui da Quadra AE 35/40. Modificado pelo Autor. Fonte: Acervo Max

Para estudarmos as fogueiras e principalmente o fogo, entendemos que toda a estrutura de combustão atende a um propósito específico (AZEVEDO ET AL., 2013). Nesse caso, vimos então na (figura 12) a fogueira circundada de materiais e a mesma composição que foi

possível observar em todas as fogueiras da nossa amostra. E pensando o sítio como cemitério utilizado por uma longa-duração, vimos que a necessidade entender a funcionalidade dessas fogueiras em relação ao contexto funerário do sítio era uma questão primordial a este trabalho.

Em relação às fogueiras, Vergne & Amâncio (1992) mencionam algumas sobreposições das mesmas, deste modo, optamos por tentar identificar essa justaposição nos croquis para tentar pensar sobre suas distribuições no sítio. Constatamos assim que as fogueiras 4 (Figura 11B) e 5, nos níveis 3, 4 e 5, na unidade P/Q 31/35, e as fogueiras 17 e 18, nos níveis 18 e 19, ambas na quadrícula F/L 41/45 (figura 11A), estão se sobrepondo no registro. Essas sobreposições são o que nos chamam a atenção, pois corroboram recorrência no uso de certos espaços para a combustão ou atividades ligadas a combustão, nos levando a pensar na importância desta prática para esses grupos a ponto de ter reservada para si locais específicos.

Além das fogueiras Vergne (2004) distinguiu e definiu três tipos de manchas escuras: o primeiro tipo seria ligado à combustão (sendo essas de maior representatividade), o segundo seriam manchas derivadas da decomposição de matéria orgânica e a terceira categoria descrita pela autora foi às manchas ligadas à decomposição de elementos químicos no sedimento. Elas são difíceis de caracterizar, pois não há uma distinção nos croquis do sítio, nem documentação de campo com descrição detalhada das mesmas, sendo assim uma tarefa inexecutável sem a documentação adequada.

Para entendermos melhor como essas fogueiras estão se relacionando com os mortos, utilizamos os intervalos propostos por Silva (2017) que delimita três intervalos, na tentativa de separar os indivíduos por momentos de sepultamento, baseados no que ela considera profundidade mínima de um indivíduo na cova, compreendida em 30 centímetros. Assim sendo, Silva cria o Intervalo I localizados entre as profundidades 40-70 cm,(Níveis 4 a 7) Intervalo II entre 70 e 100 cm(Níveis 7 a 10) e o Intervalo III entre 1 metro e 140 cm(Níveis 10 a 14). Cada um desses intervalos agrupa uma série de sepultamentos, e a autora ainda pontua que esse recorte foi baseado no que ela considera profundidade mínima, com base em dados osteométricos.

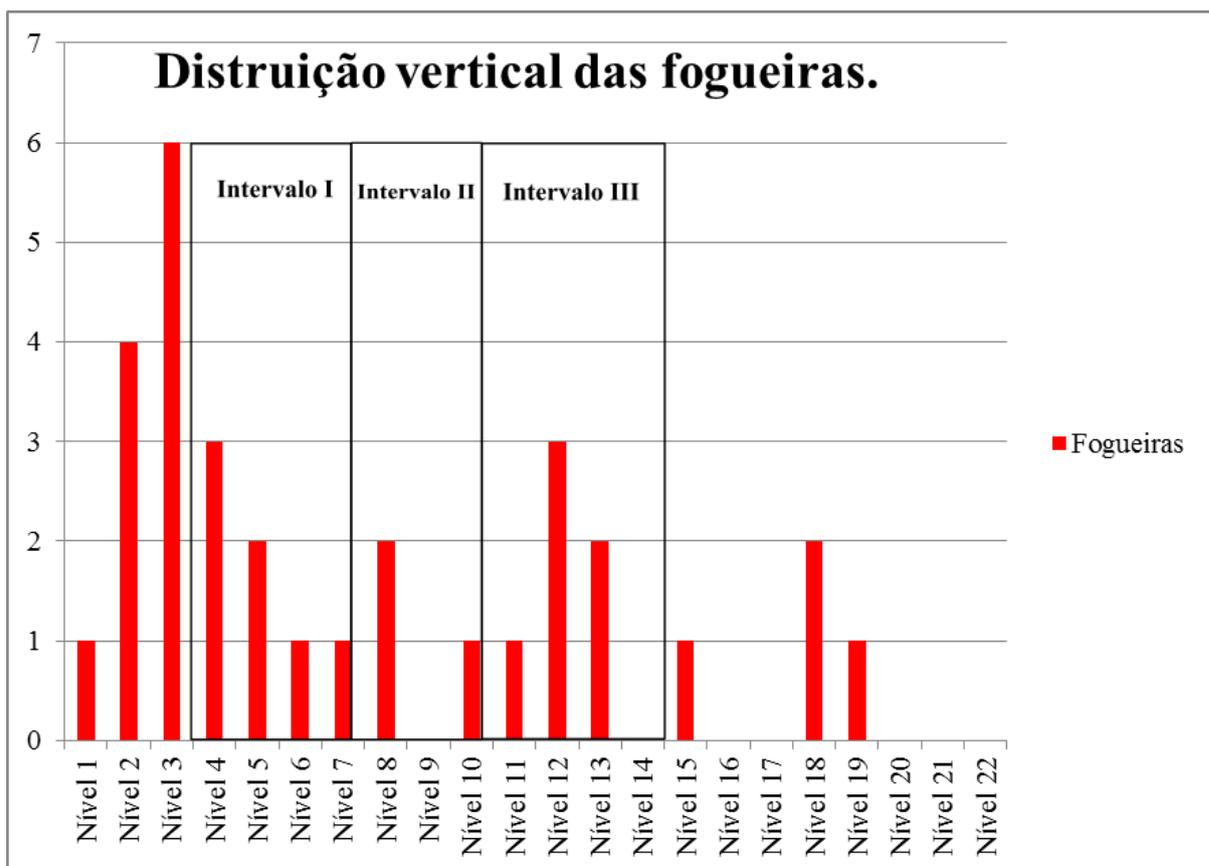


Figura 13- Distribuição das Estruturas de Combustão por Nível

A figura 13 demonstra que a partir do nível 5 começa a existir mais estruturas de fogueiras. Nesse mesmo período, de acordo com Fagundes (2007), e confirmado pelos croquis, o sítio está sendo mais usado, constatado através da densidade de material recuperado. Vergne (2004) sugere para este mesmo período, um momento com aumento da densidade de sepultamentos, em diversidade de formas de enterramentos, sendo também o mesmo recorte temporal descrito como contato por Silva (2017). Esse contexto nos leva a acreditar que essas fogueiras estejam atendendo às demandas relacionadas a atividades ligadas aos enterramentos.

Como estamos lidando com um sítio cemitério, uma característica que devemos nos ater é a proximidade dos sepultamentos com as fogueiras. Dando seguimento à observação das plantas de distribuição de vestígios por nível e os respectivos intervalos, vê-se que as fogueiras 7, 14 e 16 estão sobre os indivíduos do Intervalo II (70-100 cm), sendo o intervalo onde há a presença dos remanescentes com evidências de banquete funerário. As fogueiras 8, 9, 11, 12, 13, 15 e 19 estão associadas, de acordo com o seu posicionamento crono-

estratigráfico, aos sepultamentos do Intervalo III (100-140 cm). As fogueiras 17, 18 e 20, não foram possíveis de serem associadas a nenhum intervalo, tendo sua funcionalidade ainda em aberto.

Outro fator importante para a análise dessas estruturas foi a profundidade média de 14 cm das fogueiras, constatada através das fogueiras 1, 2, 3 4, 5, 6, 8, 9 14, 17, 18 e 20, sendo as mais profundas com pacote de 30 cm de sedimento queimado e as mais rasas com 10 cm, o que nos leva a pensar que essas fogueiras foram alimentadas por um tempo razoável, e também protegidas, para atingir essa profundidade. Vale a pena ressaltar que pela falta de documentação de campo, ou de relatório mais detalhado das intervenções e resultados do PAX, não sabemos se havia grande quantidade de cinzas (outra evidência de manutenção prolongada do fogo, proteção da fogueira).

Em relação ao tamanho dessas fogueiras, obtivemos uma média de 0,45 m de diâmetro, observado conforme todas as 20 fogueiras da amostra, sendo que, a maior fogueira com 1,27 m (número 5) e a menor com 0,18 m (número 9). Como já mencionamos as fogueiras, resolvemos analisar essas estruturas de combustão na tentativa de entender se era possível existir uma correlação com os sepultamentos, ou não. Então, observamos os sepultamentos que apresentaram associação com evidências de elaboração de banquetes descritos por Dantas & Lima (2006) e se existia alguma relação desses sepultamentos com as fogueiras.

Em relação à cultura material associada conseguimos observar que as fogueiras 1, 2, 3, 4, 5, 11, 12, 13 e 19 apresentam uma composição muito semelhante de líticos e vestígios faunísticos (Apêndice 1). Já as fogueiras 7, 8, 15 e 20, no tocante a associações, além de líticos e fauna, observamos poucos fragmentos cerâmicos. Esses materiais dispersos no entorno dessas estruturas nos levam a acreditar que desempenhariam alguma(s) atividade(s) que resultou(ram) naquele arranjo, a natureza exata dessas atividades nos foge neste momento de análise, mas com o avanço de estudos com o material lítico e faunístico esperamos ter inferências em futuro próximo.

4.2 FOGUEIRAS E O BANQUETE FUNERÁRIO: QUAL A RELAÇÃO?

Dantas & Lima propuseram em 2006 que banquetes funerários foram realizados para alguns indivíduos no sítio Justino a partir da análise das manchas de oxidação e fuligem e marcas de usos, além da forma e da composição dos vasilhames cerâmicos que foram depositados sobre o morto. Os autores mencionam que esses recipientes foram expostos ao fogo, porém não de forma cotidiana e sistemática, o que diverge dos vasilhames de contextos domésticos que tem suas marcas muito mais claras. O que os levou a interpretar esses como utensílios utilizados em banquetes funerários.

Pensando nestes contextos de festim, resolvemos buscar entender adicionalmente como as outras fogueiras (onde não foi possível uma associação clara a um sepultamento específico), se relacionavam com os mortos que tiveram como parte das homenagens do grupo a elaboração de banquete. Imergindo nesse contexto de festim, com base nos dados compilados de Carvalho (2006), Dantas & Lima (2006), Luna (2001) e Silva (2017) localizamos os sepultamentos e suas respectivas unidades (Apêndice 2). Pudemos então identificar a localização e os vestígios associados, para posteriormente entendermos como esses sepultamentos foram sendo inseridos nos sítio e qual relação estes tiveram com as estruturas de combustão.

É importante mencionar que no decorrer da análise surgiram alguns questionamentos, principalmente relacionados as atividades envolvidas nos banquetes. Para uma melhor compreensão dos aspectos funerários, observamos tanto as fogueiras quanto os sepultamentos buscando correlações. Partindo da localização de vestígios e do compilado de dados conseguimos distribuir os sepultamentos em dois planos, para melhor entender a disposição tanto verticalmente, quanto horizontalmente. Primeiramente, abordaremos a distribuição vertical (figura 14), onde é possível observar um aumento da quantidade de sepultamentos nos níveis 6, 7, 8 e 9. Assim, consideramos necessário cruzar os dados desses sepultamentos associados a festins com as fogueiras (figura 15).

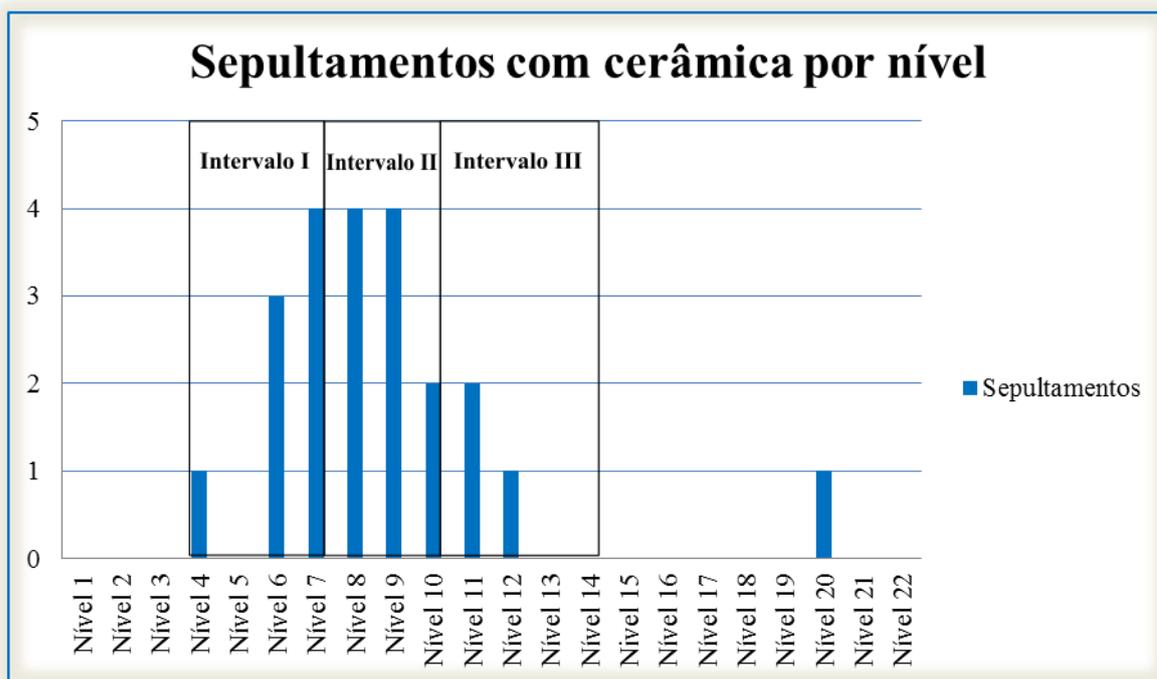


Figura 14- Distribuição dos Sepultamentos com Cerâmica como Exoval Funerário.

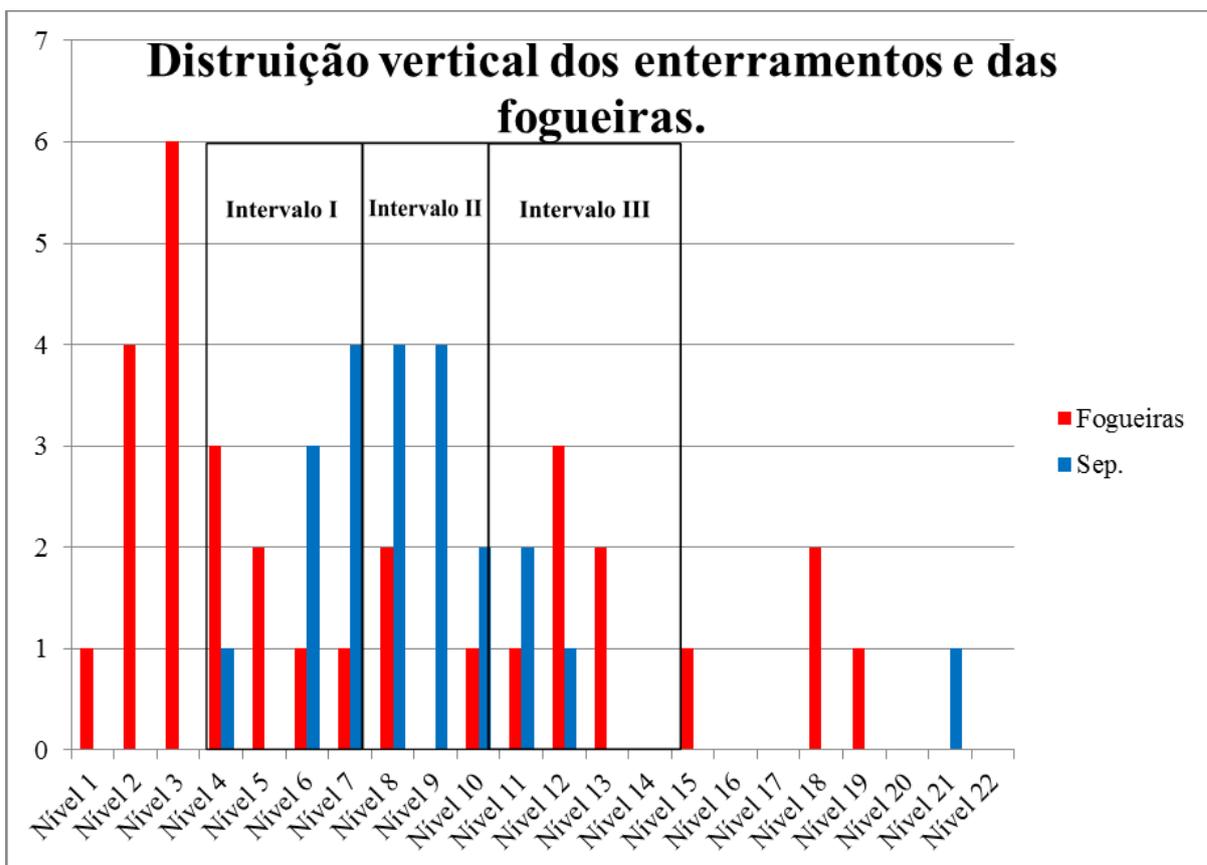


Figura 15 - Distribuição Vertical dos Enterramentos e as Fogueiras.

Conforme observamos no gráfico (figura 15), para o Intervalo I temos 8 sepultamentos e 6 fogueiras, o que nos leva a acreditar que provavelmente algumas fogueiras tiveram mais de um sepultamento associada a elas. Ou seja, algumas fogueiras foram utilizadas para atender a mais de um, ou mesmo a vários sepultamentos. Para o Intervalo II, identificamos 10 sepultamentos e apenas 3 fogueiras. Neste intervalo acreditamos que estas fogueiras serviram a esses sepultamentos sendo possível que indivíduos tivessem morrido em um curto espaço de tempo e, portanto, a mesma fogueira teria sido utilizada para celebrar mais de uma pessoa. Acreditamos que por isso temos três fogueiras para as atividades rituais ligadas a 10 indivíduos.

O Intervalo III é onde observamos o oposto do que vemos no Intervalo II, um maior número de fogueiras em relação aos sepultamentos: são 6 fogueiras e três sepultamentos. Para nós, as fogueiras do início do intervalo estão ligadas a atividades mais diversas, mas continuando exercendo um papel dentro das atividades rituais ligadas aos enterramentos. A disposição dessas fogueiras em relação aos sepultamentos nos levou a interpretar que de fato, elas estariam sendo utilizadas para algumas atividades advindas das necessidades dos grupos para os rituais desses períodos.

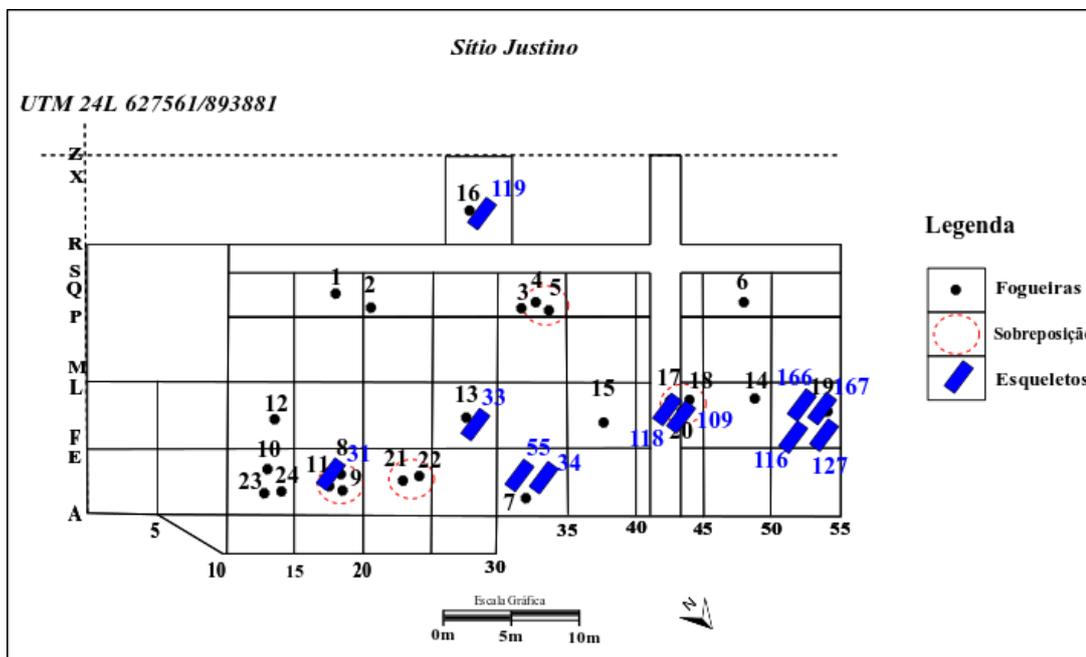


Figura 16 - Associação entre os Enterramentos com Evidências de Banquete Funerário. Fonte: Acervo do Max (Adaptado Pelo Autor).

Já no plano horizontal vemos algumas correlações nas sobreposições das fogueiras, mencionadas no item 4.1, e alguns sepultamentos (figura 16). Identificamos uma associação entre as fogueiras e os sepultamentos com vasilhames cerâmicos entre os níveis 6, 7, 8 e 9 (figura 14), sendo as fogueiras elementos resultantes de possíveis atividades rituais, conforme já foi mencionado. Silva (2018) ressalva que os sepultamentos do Intervalo I (com presença de cerâmica) estão concentrados entre as unidades AE 10/15, AE 15/20, FL 10/15 e FL 15/20, o que sugere que existe para este intervalo uma escolha desse espaço específico do sítio para sepultar. É evidente que o mesmo ocorre entre as fogueiras (figura 16), que nos leva a acreditar que as fogueiras desses níveis estão ali realmente atendendo a demanda desses sepultamentos, para fins rituais.

4.3 ENTENDER PARA PROGREDIR: CONTEXTO E HIPÓTESES

O sítio Justino possui diversos contextos funerários; foi ocupado ininterruptamente por aproximadamente 9 mil anos e por isso compactá-lo é suprimir sua grandeza. Ao nos debruçarmos sobre as fogueiras, e especificamente sobre a funcionalidade das mesmas, surgiram algumas questões, como por exemplo: qual a relação dos sepultamentos com as fogueiras? Qual a importância do fogo para esses grupos? As fogueiras são de uso cotidiano ou ritual? Dentre as fogueiras, quais delas estariam ligadas ao banquete funerário? Entre outras perguntas.

Para entendermos essas questões devemos nos ater ao contexto do sítio e a distribuição das estruturas de combustão e sua relação com o tempo-espaço na longa-duração de ocupação. O fogo no sítio Justino provavelmente engloba o estojo ritual desses grupos. Parte dessa interpretação sugere que o uso do fogo observado através dos vestígios de fogueiras é um incremento dentro do banquete.

Pensando nesse contexto de rituais, mortos e ocupações, devemos estabelecer uma reflexão sobre os usos do fogo para o momento dos rituais, considerando-o um elemento fundamental dentro de diversos rituais. Contudo, é importante salientar que as fogueiras que estavam associadas aos sepultamentos com cerâmicas podem ser produtos do ritual de banquete, como podemos observar no fluxograma hipotético abaixo:

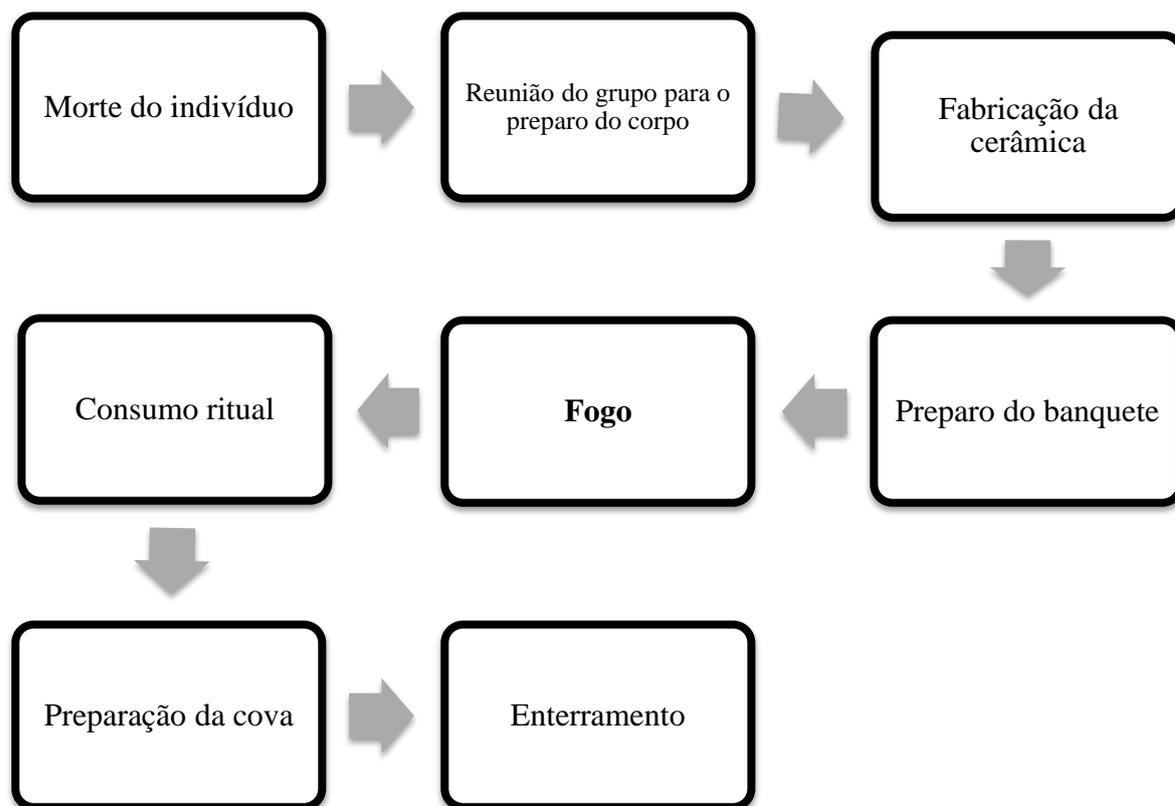


Figura 17 - Fluxograma Hipotético de algumas atividades relacionadas ao ritual mortuário efetuado para alguns indivíduos no sítio Justino.

Para as fogueiras da nossa amostra, pensamos que essas estão dentro da esfera dos rituais realizados pelos grupos para os indivíduos, fortemente ligadas às atividades. Sim, compreendemo-las como resquícios de atividades envolvendo os enterramentos. Ao nos depararmos as fogueiras que majoritariamente estavam circundadas de vestígios materiais, (lítico, fauna e cerâmico) as interpretamos como resquícios de atividades ligadas a práticas funerárias sedimentando o pensamento acerca das relações comportamentais ligadas ao ritual, gesto e materialidade, o fogo aqui, se entrelaça na estrutura simbólica/funcional. Então, interpretamos que o fogo pode ser um agente transformador ligado ao consumo e preparo ritual.

Vemos que as relações rituais estabelecidas no sítio Justino estão também integradas com o fogo, e que o universo simbólico desses grupos era bastante diversificado. Munidos da arqueologia do fogo (piroarqueologia), tecemos uma discussão nunca antes pensada para o sítio e ao seu momento como cemitério. Por fim, acreditamos que a maioria das fogueiras do sítio estaria atendendo as demandas rituais dos grupos para com os mortos, pensadas e

elaboradas para sustentar os tão variados sepultamentos, e incrementando e sedimentando as relações sociais acerca da morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sítio Justino é um sítio emblemático para elucidação das sociedades que o transformaram num lugar persistente e significativo (FAGUNDES, 2007), para a realização dos seus rituais. Um lugar as margens do São Francisco que foi ocupado por um longo período que possivelmente teve seu uso cessado após o contato com os europeus. A vida e a morte se entrelaçariam nesse lugar que provavelmente também era um lugar sagrado dedicado aos ancestrais, onde a cada membro morto, se reuniam para novamente iniciarem os ciclos de rituais funerários. Comendo e celebrando a luz do fogo as relações da vida e da morte.

O fogo sagrado versa sobre esses grupos como um totem, interagindo, sacralizando interligando e cozinhando seus alimentos também sagrados. Numa relação extremamente cosmológica, o fogo insere-se nesse lugar como um elemento fundamental dentro do rito, o de transformar.

É claro que esse universo dos rituais ainda está longe de ser totalmente investigado, principalmente do que diz respeito ao que arqueologicamente podemos ter acesso e interpretar. Contudo devemos nos debruçar cada vez mais acerca dessas relações, para então compreender esses grupos, que ali viveram, construíram suas vidas, e suas mortes. Que tiveram sua história sobre o solo, suas relações sociais impressas nesse local, que possivelmente foi o lugar mais importante para todos os grupos que utilizaram e sacralizaram o sítio Justino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SABER, A. N. O homem dos terraços de Xingó. *Documento* 6. UFS/CHESF/PETROBRAS. 1997.

ALMEIDA, F. O. & KATER, T. As cachoeiras como bolsões de histórias dos grupos indígenas das terras baixas sul-americanas, *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 37, nº 75, 2017.

ALMEIDA, F. O. & KLOKLER, D. M. Do Sertão para o Mar: A Fluidez de Pessoas, Ideias e Estilos Tecnológicos na História das Populações Ceramistas do Baixo São Francisco (AL-SE). Projeto de pesquisa, 2016.

ALPERSON-AFIL, N. *Archaeology of fire: Methodological aspects of reconstructing fire history of prehistoric archaeological sites*. *Earth-Science Reviews* 113, 111–119, 2012.

AZEVEDO, L. W; COPÉ, S. M; SCHEEL-YBERT, R. *Considerações para o estudo de fogueiras nas Terras Altas Sul Brasileiras*. *Revista MEMORARE*, UNISUL, Santa Catarina, v. 1, nº 1, p. 63-74, 2013.

BARRETO, C. N. G. B. *Meios místicos de reprodução social arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia antiga*. Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

BARRETO, A. Sexo e gênero no sítio justino. Relatório Final do Programa de Iniciação Científica Voluntária – PICVOL, Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão, 2018.

BEAUCLAIR, M; SCHEEL-YBERT, R.; BIANCHINI, G.F; BUARQUE, A. *Fire and Ritual: Bark Hearths in South-American Tupiguarani Mortuary Rites*. *Journal of Archaeological Science*, 2009.

BIANCHINI, Gina; SCHEEL-YBERT, Rita; GASPAR, Maria Dulce. Estaca de Lauracea em Contexto Funerário (Sítio Jabuticabeira II, Santa Catarina, Brasil). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 17, p. 223-229, 2007

SØRENSEN, T.F. ; BILLE, M. *Flames of transformation: the role of fire in cremation practices*, *World Archaeology*, 40:2, 253-267, Londres, 2014.

CARVALHO, O. A. *Contribution a l'archéologie brésilienne : Etude Paléanthropologique de deux nécropoles de la région de Xingó, Etat de Sergipe, Nord-est du Brésil*. These présentée à la Faculté des Sciences de l'Université de Genève pour obtenir le grade de Docteur ès sciences, mention anthropologique, 2007.

CASTRO, V. *Marcadores de Identidades Coletivas no Contexto Funerário Pré-histórico no Nordeste no Brasil*. Tese de doutorado, Pernambuco, 2009.

CISNEIRO, D. S. *Práticas Funerárias na Pré- História do Nordeste Brasileiro*. Dissertação de mestrado, UFPE, Recife, Pernambuco, 2003.

DANTAS, V. J; LIMA, T.A. *Pausa para um Banquete: Análise de marcas de uso em vasilhames cerâmicos pré-históricos do Sítio Justino, Canindé do São Francisco, Sergipe*. Museu de Arqueologia de Xingó, 2006.

DASILVA, A, M. Papéis e lugares sociais de gênero na “Zulu Dance”. XXVIII Simpósio Nacional de História, Anais de evento, Florianópolis, 2015.

FAGUNDES, M. *Sistemas de Assentamento em tecnologia lítica: Organização Tecnológica e Variabilidade no Registro Arqueológico em Xingó, Baixo São Francisco, Brasil*. Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2007.

FOGAÇA, E Análise preliminar de algumas indústrias líticas lascadas recuperadas em Xingó. SãoCristóvão, UFS/CHESF/PETROBRAS, Relatório de Consultoria, Documento 03, 1997.

FAUSTO, C. Donos demais: maestria e domínio na Amazônia. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2: 329-366, 2008.

HALL, M. (1984) Man’s Historical and Traditional Use of Fire in Southern Africa. In: de Booyesen P.V., Tainton N.M. (eds) *Ecological Effects of Fire in South African Ecosystems*. Ecological Studies (Analysis and Synthesis), vol 48. Springer, Berlin, Heidelberg.

HULL K. L. *Ritual as performance in small-scale societies* School of Social Sciences, Humanities and Arts, University of California, Merced Published online: 22 Jan 2014.

JERÔNIMO, O. & CISNEIROS, D. Indústrias líticas da área arqueológica de Xingó. Relatório do Projeto Arqueológico de Xingó, CHESF/PETROBRAS, 1997.

KALIFF, A. *Fire. The Oxford Handbook of the Archaeology of Ritual and Religion*. Editado por Timothy Insoll. Oxford University Press, Oxford, 2011.

KLOKLER, D. *Consumo Ritual, Consumo no Ritual: Festins Funerários e Sambaquis*. Revista HABITUS, Goiânia, 2012.

KLOKLER, Daniela. *Food for Body and Soul: Mortuary Ritual in Shell Mounds*. Tese (Doutorado) – University of Arizona, Tucson, 2008.

KLOKLER, D.M ; SILVA DOS SANTOS, V . Onde há Fogo, Há Fumaça: O Uso Ritual do Fogo no sítio Justino, Sergipe. 2016. (Apresentação de Trabalho/Comunicação)

LANDIM DOMINGUEZ J. M. & BRITCHA, A. Estudos sedimentológicos a montante da UHE de Xingó.São Cristóvão: UFS/CHESF/PETROBRAS, Relatório de Consultoria, Documento 04, 1997.

LUNA, Suely. C. *As populações ceramistas pré-históricas do Baixo São Francisco – Brasil*. 2001. 294f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

LINS DE CARVALHO, F. Projeto Arqueológico de Xingó, Relatório Final. IPHAN, São Cristóvão, 2000.

MARTÍN.C.M, FOLAN, W. *Análisis De Restos Óseos Expuestos al Fuego en Calakmul, Campeche, Durante el Clásico*. Revista Estudios de Antropología Biológica. 2005.

MELLO, A.C; NASCIMENTO, R. S; FOGAÇA, E. *Sonhos em Pedra: Um estudo de cadeias operatórias de Xingó*. Editora: Museu de Arqueologia de Xingó, Canindé do São Francisco, Sergipe, 2007.

OLIVEIRA, C. A. et alli. Grupos Pré-Históricos do sítio Jerimum, região de Xingó – Canindé de São Francisco, SE. São Cristóvão: Museu de Arqueologia, MAX/UFS, 2005.

RAPP PY-DANIEL, A. *Os Contextos Funerários Na Arqueologia Da Calha Do Rio Amazonas*, Tese de doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia USP, São Paulo, 2015.

RIBEIRO, L.B. *Limpendo Ossos e Expulsando Mortos: Estudo Comparativo De Rituais Funerários em Culturas Indígenas Brasileiras através de uma Revisão Bibliográfica*. Dissertação de mestrado. Florianópolis.Universidade Federa de Santa Catarina. 2002.

SILVA, J, A. Ambientes funerários e a contribuição para novas leituras arqueológicas: Adornos em sepulturas humanas do sítio Justino/SE, como evidência do contato Nativo Americano/Europeu. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade Federal de Sergipe - UFS, Campus de Laranjeiras, 2017.

SILVA, J. A.; O corpo e os adereços: Sepultamentos Humanos e as especificidades dos adornos funerários. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade Federal de Sergipe – UFS, Campus de Laranjeiras, 2013.

SILVA, J. A.; Diversidade de adornos encontrados nos sepultamentos do Sítio Justino e a sua relação com a arqueotanatologia; Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao curso de Bacharelado em Arqueologia da UFS; Laranjeiras, 2010.

SILVA DOS SANTOS, V. Catálogo de Doenças: Análise Comparativa das Paleopatologias em Acervos do Nordeste Brasileiro. Relatório Final do Programa de Iniciação Científica Voluntária – PICVOL, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

SCOTT A, C, CHALONER W, G, BELCHER C, M, ROOS C, I. 2016 *The interaction of fire and mankind: Introduction*. Phil. Trans. R. Soc. B 371: 20150162, 2016.

SOTTOMAYOR, A, P, Q. O FOGO DE PROMETEU. *Revista HVMANITAS*- Vol. LIII. Universidade do Porto, 2001.

VERGNE, C.; AMÂNCIO, S. *A Necrópole Pré-Histórica do Justino, Xingó, Sergipe*. CLIO Série Arqueológica, n. 1, v. 8, 171-182, 1992.

VERGNE, C. Enterramentos em Dois Sítios Arqueológicos Em Xingó. Caderno Projeto Arqueológico de Xingó, n.1, v.7, 1997.

VERGNE, C. Estruturas Funerárias do Sítio Justino: Distribuição no espaço e no tempo. **Canindé**. Xingó, n. 2, Dezembro: 251-273, 2002.

VERGNE, C. *Arqueologia do Baixo São Francisco: Estruturas funerárias do sítio Justino-região de Xingó, Canindé do São Francisco, Sergipe*. Tese de Doutorado. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. 2004.

VERGNE, C. Complexidade social e ritualidade funerária em Xingó: apontamentos teóricos para compreensão das práticas mortuárias do sítio Justino, Canindé de São Francisco – SE. **Canindé** – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó, v. 09, pp. 25-58, 2007.

VERGNE, C. & CARVALHO, F. Grafismos geométricos: hipótese ou realidade na área do baixo São Francisco. **Canindé** – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó. MAX/UFS, 01, pp. 158-168, 2001.

VERGNE, C. & FAGUNDES, M. Atributos tecnológicos da indústria lítica do sítio Barragem (níveis 01 a 06), Xingó – Alagoas. **Canindé** – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó, MAX/UFS, v.04, pp. 09-54, 2004.

VERGNE, C & FAGUNDES, M Atributos tecnológicos da indústria lítica do sítio Barragem (níveis 07 a 13), Xingó – Alagoas. **Canindé** – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó, MAX/UFS, v.07, pp.121-146, 2006.

APÊNDICES

Nº	Quadra	Cam.	Diâmetro	Profundidade	Conteúdo	Associações	NPs associados	Função	Observações gerais
1	PQ 16/20	1,2,3	0,36	0 cm-30cm	Pedras e carvão	Líticos e vestígios faunísticos	11205,11204,11081,11084,11083,11085,6786,11057		
2	PQ 20/21	3	0,38	30cm-40cm	Pedras e carvão	Líticos e vestígios faunísticos	4940,4946,4972,4938,4937,4916,4915,4846		
3	PQ 30/31	4	0,49	40cm-50cm	Pedras e carvão	Líticos e vestígios faunísticos	4961,24471		
4	PQ 31/35	3	1,12	30cm-40cm	Pedras e carvão	Líticos e vestígios faunísticos	5139,5158,5140,5138,5165,5142,5150		
5	PQ 31/35	3,4,5	1,27	30cm-50cm	Pedras e carvão, esqueleto 41	Líticos e vestígios faunísticos			
6	PQ 46/50	3	0,50	30cm-40cm	Pedras e carvão	N.I			
7	AE 31/35	5	0,33		Pedras e carvão	Líticos , vestígios faunísticos e Cerâmica	4409,4408,4411,4398,4412,4413,4414,4414,4400,4405,4405,4406,4399,4394,4396,4396,4390,4384,4391,4378,4393,4394,4385		
8	AE 16/20	11,12	0,80	110cm-130cm	Pedras e carvão	Líticos , vestígios faunísticos e Cerâmica	12060,12231,12225, 5636,5635,12050		
9	E 16/20	13	0,18	130cm-140cm	Pedras e carvão	N.I		Ritual	
10	AE 11/15	5	0,46		Pedras e carvão	N.I			
11	AE 16/20	8	0,49		Pedras e carvão	Líticos e vestígios faunísticos			
12	FL 11/15	7	0,41		Pedras e carvão	Líticos e vestígios faunísticos			
13	FL 26/30	8	0,13		Pedras e carvão	Líticos e vestígios faunísticos			
14	FL 46/50	3	0,60	30cm-40cm	Pedras e carvão	N.I			
15	AE 36/40	12	0,71		Pedras e carvão	Líticos , vestígios faunísticos e Cerâmica			
16	TV 26/27	4	0,58		Pedras e carvão	N.I			
17	FL 41/45	18	0,39	180cm-190cm	Pedras e carvão	N.I			Essa fogueira está sobreposta a fogueira 18, mesma quadricula, porém sem nem material associado
18	FL 41/45	19	0,98	190cm-200cm	Pedras e carvão	N.I			
19	FL 51/55	10	0,60		Pedras e carvão	Líticos e vestígios faunísticos		Ritual	Em cima do Sepultamento 105 (Vergne, 2004)
20	FL 41/45	15	0,50	150cm-160cm	Pedras e carvão	Líticos , vestígios faunísticos e Cerâmica			Na camada 16, ou seja, abaixo dessa fogueira, observamos uma mancha escura de grande dimensões
21	AE 21/25	37	0,25		Pedras e carvão	Líticos e vestígios faunísticos			
22	AE 21/25	37	0,36		Pedras e carvão	Líticos e vestígios faunísticos			

23	AE 11/15	35	1,86		Pedras e carvão	Líticos e vestígios faunísticos			
24	AE 11/15	38	0,6		Pedras e carvão	Líticos e vestígios faunísticos			
25	AE 26/30	40	0,3		Pedras e carvão	Líticos e vestígios faunísticos			
26	X01 X02	2	1,56		Pedras e carvão	líticos			
27	Zaa 25/26	2	1,04		Pedras e carvão	Líticos			
28	P 32	2	0,48		Pedras e carvão	Líticos			
29		3	1,12		Pedras e carvão	Lítico			
30	M/R 6/10 F/L 6/10	12	1,2		Pedras e carvão	N.I			

APÊNDICE 1 - QUADRO DE ANÁLISE DAS FOGUEIRAS DO SÍTIO JUSTINO

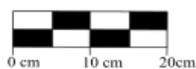
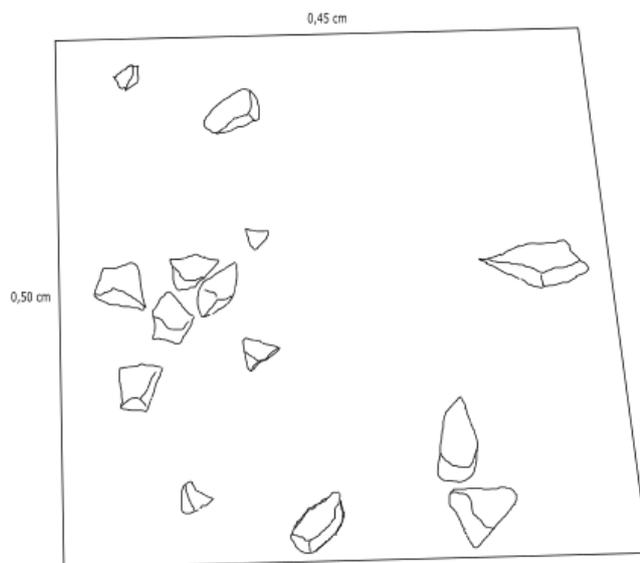
Sepultamento	Quadra	Nível	Cerâmica	Sexo	Idade	Acompanhamentos
34	AE 31/35	4;6	34p/34gr	Masculino	40 à 49 anos	Contas em concha e ossos de aves falconiforme
31	FL 16/20	7;4	11596/11597	Indeterminado	30 à 39 anos	*
33	FL 26/30	5;6	12642/12648	Masculino	30 à 39 anos	*
138	*	8.	138	Indeterminado Criança	Indeterminada	Adorno em conchas e Tembetá em Amazonita
50	*	8.	18797	Feminino	40 à 49 anos	*
140	*	9.	140	*	*	Tembetá em Amazonita e adorno em vidro
38	*	9.	3551	Masculino	30 à 39 anos	*
109	FL 41/45	8;9	20069	Masculino	50 à 59 anos	*
132	SX 6/10	8;9	24075/24074	Masculino*Feminino	30 à 39 anos	Tembetá em arenito
165	MR 1/6/1/10	6;7	26390	Indeterminado	0 à 1 ano	*
167	FL 51/55	7;8;9	26654	Indeterminado adulto	Indeterminada	*
166	FL 51/55	7;8;9	26655	Indeterminado	40 à 49 anos	*
142	MR 6/10	7;8	27324	Indeterminado	15 à 19 anos	“Flauta em osso”
137	MR 6/10	9;10	27702	Masculino	Indeterminada	Adorno em concha, em osso e em vidro
55	AE 31/35	9;10	12646	Masculino	Indeterminada	Adorno em vidro
118	FL 41/45	11;14	20630/20631	Masculino	50 à 59 anos	*
119	TV 26/27	11;12	21996/21997	Masculino	50 à 59 anos	<i>Mustelídeo, conta em concha e tembetá em arenito</i>
131	SX 7/11	10.	23687	Masculino	Indeterminada	*
156	*	14.	156	Masculino	40 à 49 anos	*
116	FL 51/55	12;13	20773	Feminino	15 à 19 anos	*
164	*	*	27709	Indeterminado	5 à 9 anos	*
127	FL 51/55	*	24210	Masculino	30 à 39 anos	*
122.1 122.2	*	21.	2064	Masculino e indeterminado	18 à 29 anos	*
147	*	*	2702	Indeterminado	5 à 9 anos	*
89	*	*		indeterminado	5 à 9 anos	*

APÊNDICE 2 - QUADRO DOS SEPULTAMENTOS COM CERÂMICA ASSOCIADOS A BANQUETE FUNERÁRIO

CONCENTRAÇÃO 02						
Nº Etiqueta	Data	Setor	Nível	Peça	Quantidade	Observação
-	-	AE/ 2125	07	Ossos	*	Ossos Queimados
-	-	AE/ 2125	07	Ossos	*	Ossos Queimados
-	-	AE/ 2125	07	Ossos	*	Ossos Queimados
-	-	AE/ 2125	07	Ossos	*	Ossos Queimados e Sedimento

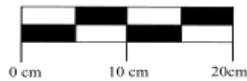
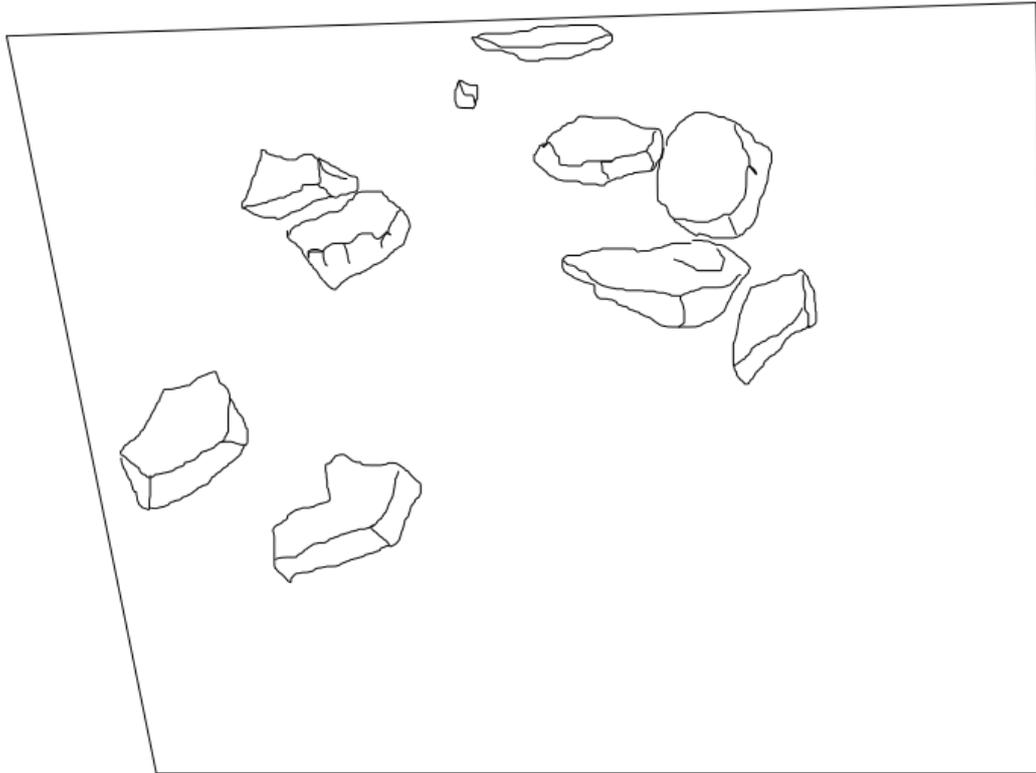
Apêndice 3 – Concentração 02 . Fonte: Acervo Max

Prancha de desenho (Fogueira)



MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ			 MAX
PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ (PAX)			
SÍTIO JUSTINO FAZ. CABEÇA DE NÊGO CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE FOGUEIRA 1			Quadrícula - PQ 16/17 Decapagem 2
ESCALA 1:10	COPISTA EDUARDO	LEVANTAMENTO FRANCISCO	EQUIPE DE DESENHO: EDUARDO, CLERISTON E ZÉ NETO.
MODIFICADO POR VICTOR SILVA DOS SANTOS			

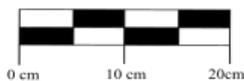
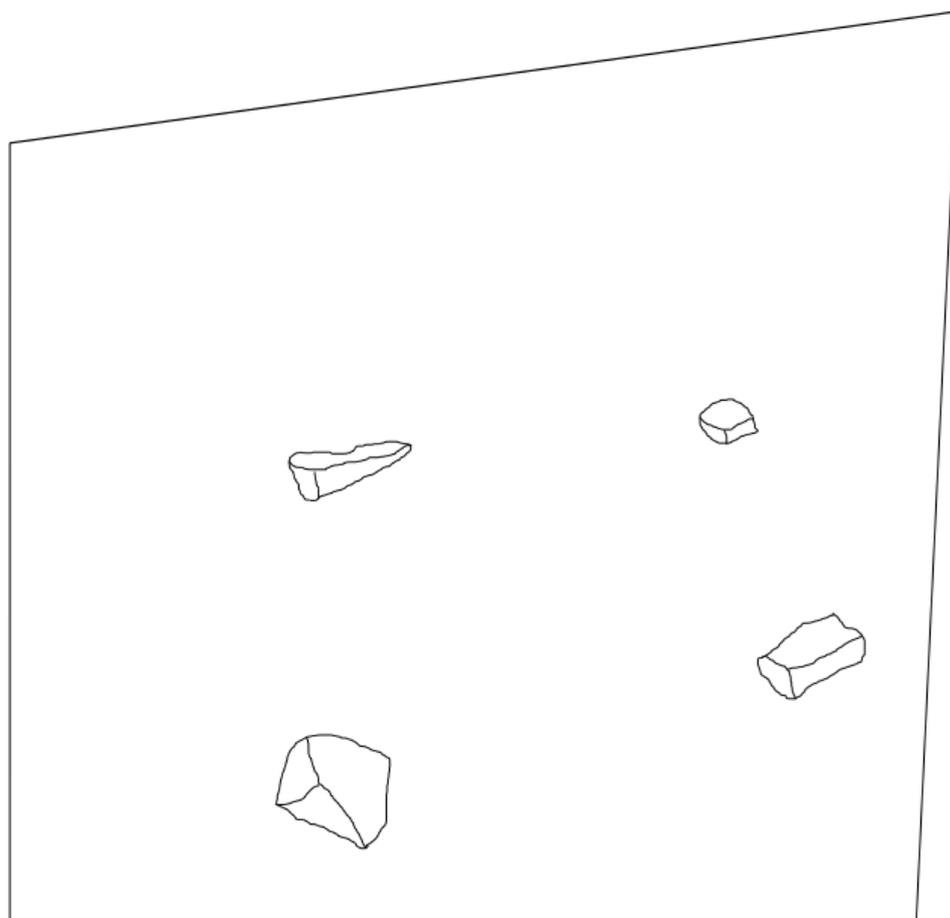
PRANCHA DE DESENHO (FOGUEIRA)



MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ			 MAX
PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ (PAX)			
SÍTIO JUSTINO FAZ. CABEÇA DE NÊGO CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE FOGUEIRA 2			Quadrícula - P 21 Decapagem 2
ESCALA 1:10	COPISTA EDUARDO	LEVANTAMENTO FRANCISCO	EQUIPE DE DESENHO: EDUARDO, CLERISTON E ZÉ NETO.
MODIFICADO POR VICTOR SILVA DOS SANTOS			

APÊNDICE 5- PRANCHA DE DESENHO DA FOGUEIRA 2. FONTE ACERVO MAX

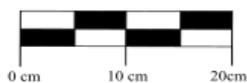
PRANCHA DE DESENHO (FOGUEIRA)



MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ			
PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ (PAX)			
SÍTIO JUSTINO FAZ. CABEÇA DE NÊGO CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE FOGUEIRA 3			Quadrícula - P 30 Decapagem 3
ESCALA 1:10	COPISTA EDUARDO	LEVANTAMENTO FRANCISCO	EQUIPE DE DESENHO: EDUARDO, CLERISTON E ZÉ NETO.
MODIFICADO POR VICTOR SILVA DOS SANTOS			

Apêndice 6 Prancha de Desenho da Fogueira 3. Fonte Acervo Max

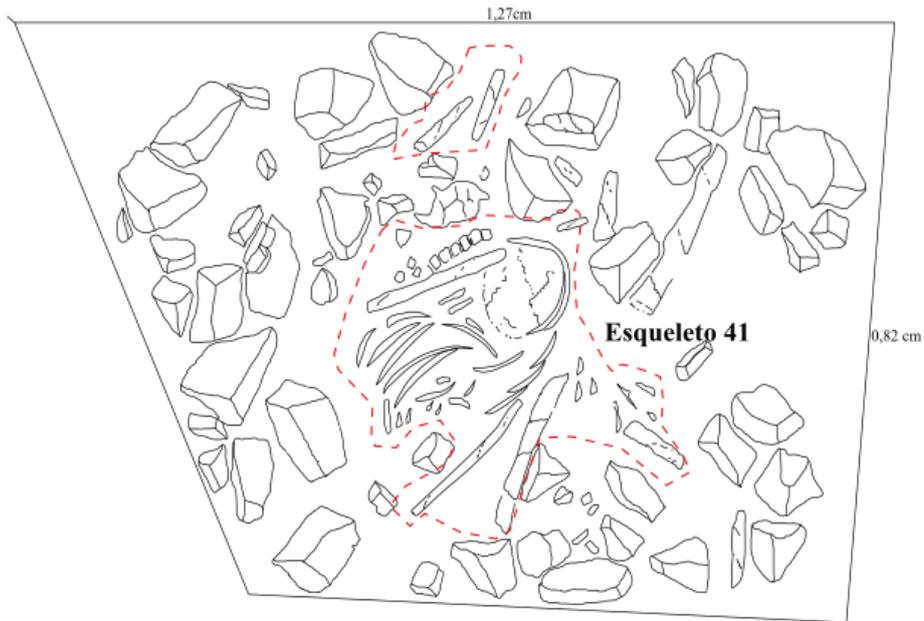
PRANCHA DE DESENHO (FOGUEIRA)



MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ			
PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ (PAX)			
SÍTIO JUSTINO FAZ. CABEÇA DE NÊGO CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE FOGUEIRA 4			Quadricula - PQ 32/35 Decapagem 3/4
ESCALA 1:10	COPISTA EDUARDO	LEVANTAMENTO FRANCISCO	EQUIPE DE DESENHO: EDUARDO, CLERISTON E ZÉ NETO.
MODIFICADO POR VICTOR SILVA DOS SANTOS			

Apêndice 7- Prancha de Desenho da Fogueira 4. Fonte: Acervo Max

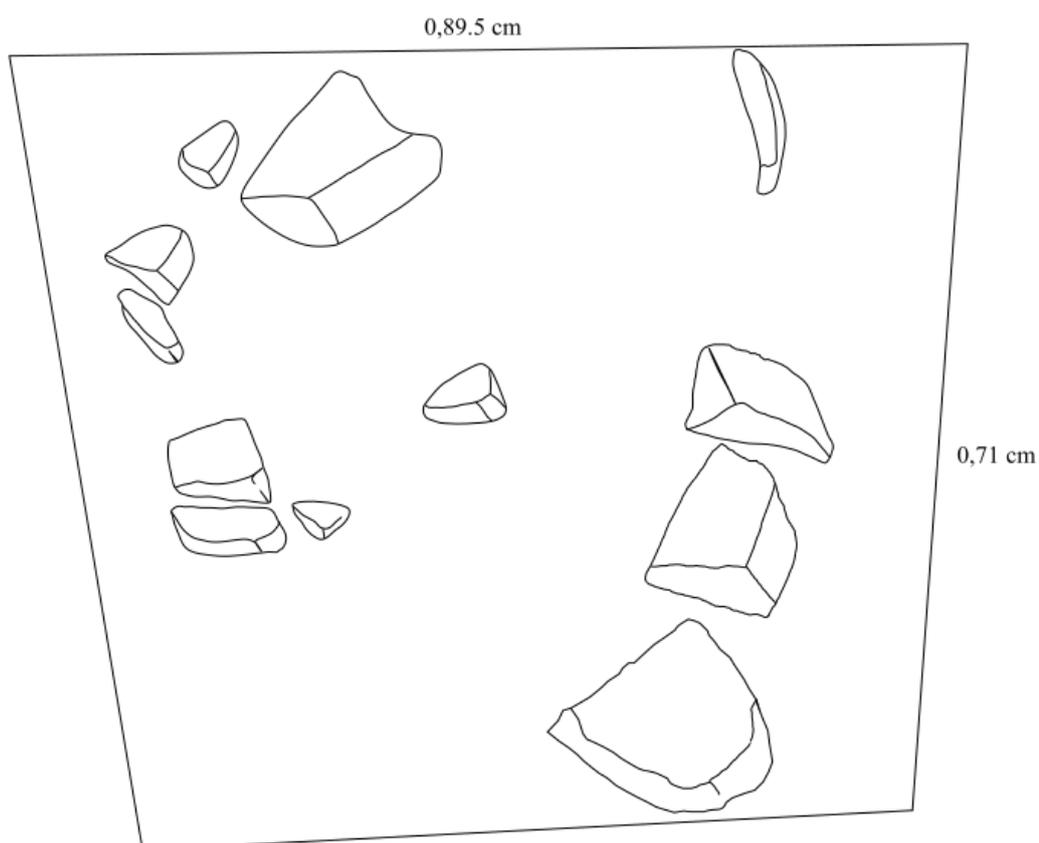
Prancha de desenho (fogueira)



MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ			
PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ (PAX)			
SÍTIO JUSTINO FAZ. CABEÇA DE NÊGO CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE FOGUEIRA 5			Quadricula - PQ 33/34 Decapagem 3/4
ESCALA 1:10	COPISTA EDUARDO	LEVANTAMENTO FRANCISCO	EQUIPE DE DESENHO: EDUARDO, CLERISTON E ZÉ NETO.
MODIFICADO POR VICTOR SILVA DOS SANTOS			

Apêndice 8- Prancha de Desenho da Fogueira 5. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).

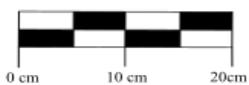
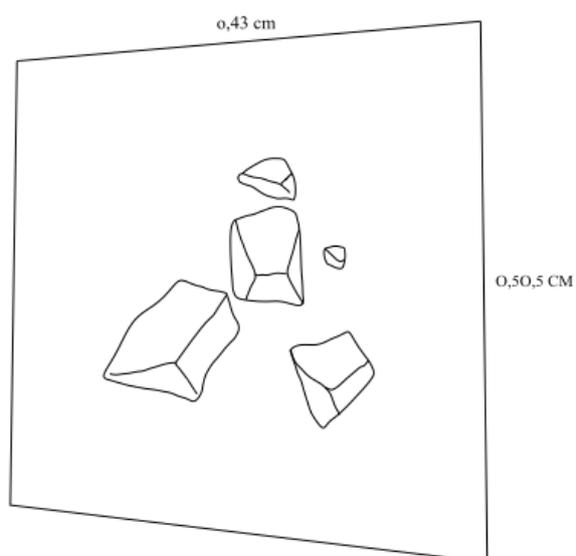
PRANCHA DE DESENHO (FOGUEIRA)



MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ			
PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ (PAX)			
SÍTIO JUSTINO FAZ. CABEÇA DE NÊGO CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE FOGUEIRA 6		Quadrícula - PQ 46/47 Decapagem 6,7	
ESCALA 1:10	COPISTA EDUARDO	LEVANTAMENTO FRANCISCO	EQUIPE DE DESENHO: EDUARDO, CLERISTON E ZÉ NETO.
MODIFICADO POR VICTOR SILVA DOS SANTOS			

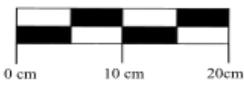
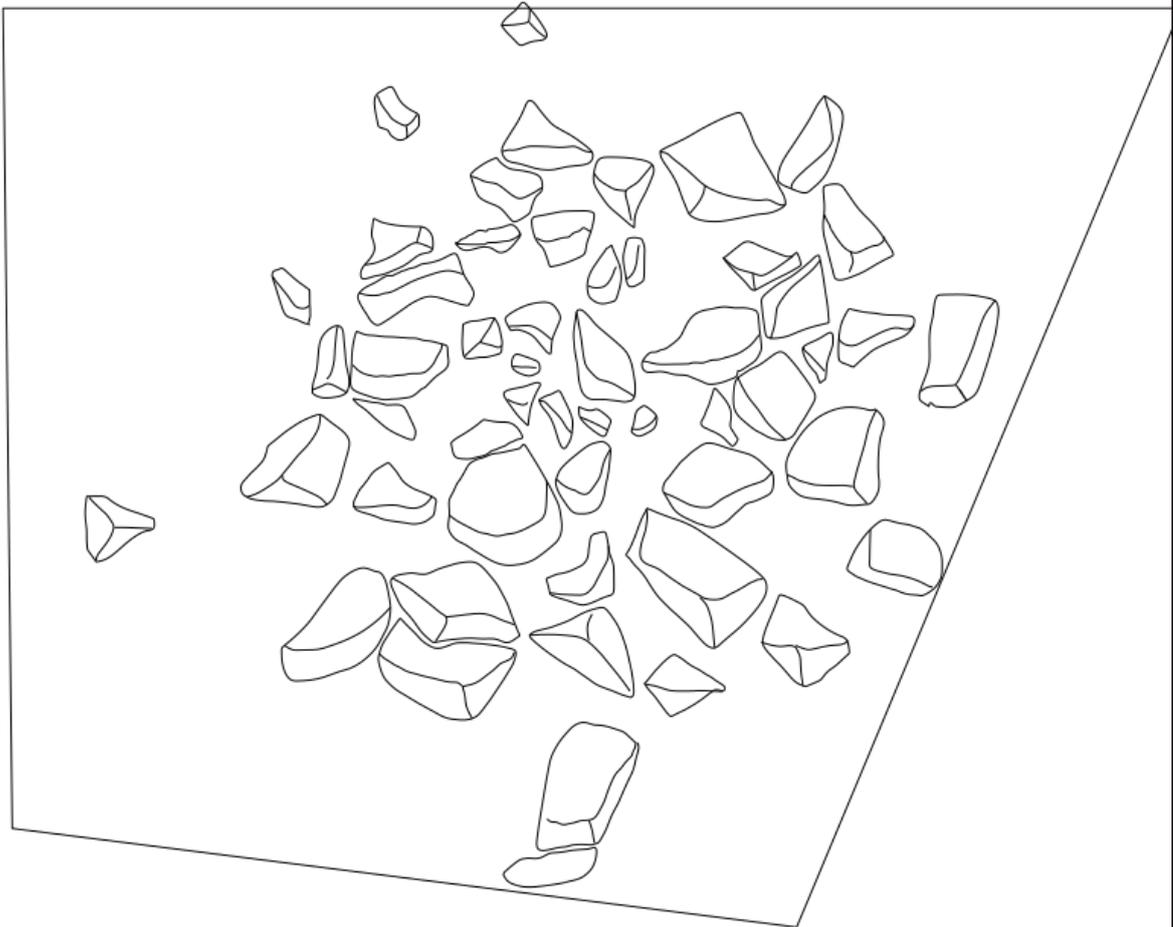
Apêndice 9- Prancha de Desenho da Fogueira 6. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).

PRANCHA DE DESENHO (FOGUEIRA)



MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ			 MAX
PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ (PAX)			
SÍTIO JUSTINO FAZ. CABEÇA DE NÊGO CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE FOGUEIRA 7		Quadrícula - AE 31/35 Decapagem 3	
ESCALA 1:10	COPISTA EDUARDO	LEVANTAMENTO FRANCISCO	EQUIPE DE DESENHO: EDUARDO, CLERISTON E ZÉ NETO.
MODIFICADO POR VICTOR SILVA DOS SANTOS			

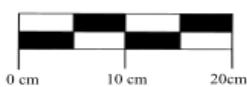
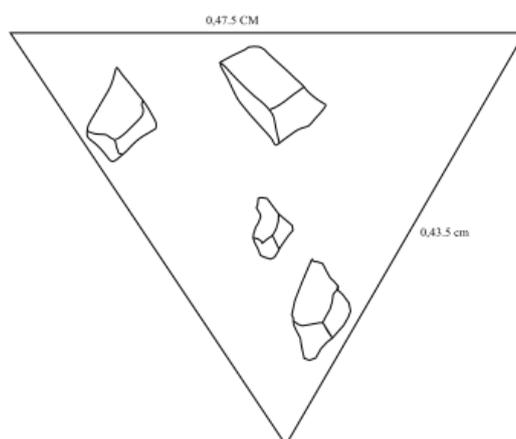
PRANCHA DE DESENHO (FOGUEIRA)



MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ			
PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ (PAX)			
SÍTIO JUSTINO FAZ. CABEÇA DE NÊGO CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE FOGUEIRA 8			Quadricula - AE 16/20 Decapagem 9/10/11
ESCALA 1:10	COPISTA EDUARDO	LEVANTAMENTO FRANCISCO	EQUIPE DE DESENHO: EDUARDO, CLERISTON E ZÉ NETO.
MODIFICADO POR VICTOR SILVA DOS SANTOS			

Apêndice 11 - Prancha de Desenho da Fogueira 8. Fonte: Acervo Max (Modificado pelo autor).

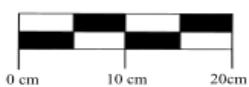
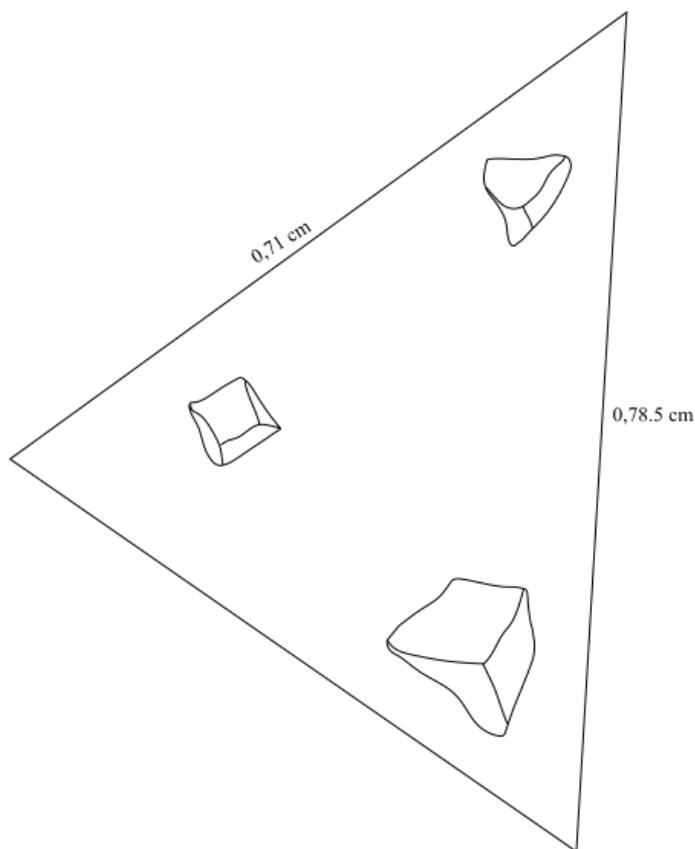
PRANCHA DE DESENHO (FOGUEIRA)



MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ			 MAX
PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ (PAX)			
SÍTIO JUSTINO FAZ. CABEÇA DE NÊGO CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE FOGUEIRA 9			Quadrícula - AE 16/20 Decapagem 12/13
ESCALA 1:10	COPISTA EDUARDO	LEVANTAMENTO FRANCISCO	EQUIPE DE DESENHO: EDUARDO, CLERISTON E ZÉ NETO.
MODIFICADO POR VÍCTOR SILVA DOS SANTOS			

Apêndice 12 - Prancha de Desenho da Fogueira 9. Fonte: Acervo Max (Modificado pelo autor).

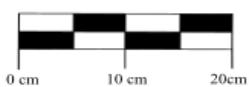
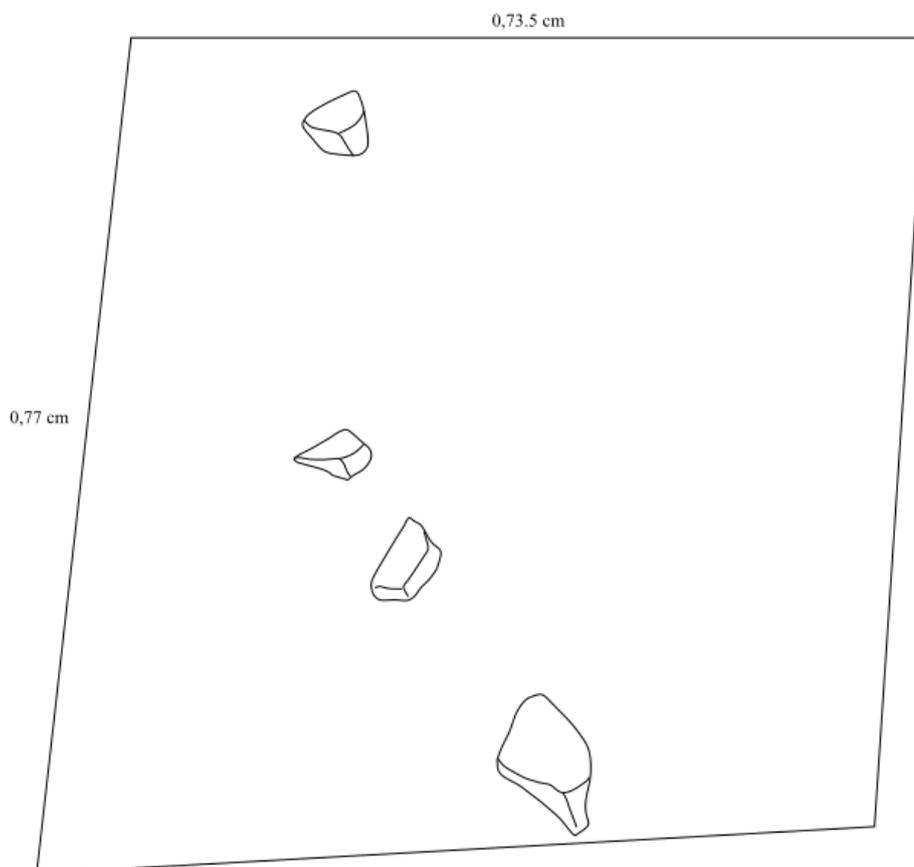
PRANCHA DE DESENHO (FOGUEIRA)



MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ			 MAX
PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ (PAX)			
SÍTIO JUSTINO FAZ. CABEÇA DE NÊGO CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE FOGUEIRA 10		Quadrícula - FL 11/155 Decapagem 5	
ESCALA 1:10	COPISTA EDUARDO	LEVANTAMENTO FRANCISCO	EQUIPE DE DESENHO: EDUARDO, CLERISTON E ZÉ NETO.
MODIFICADO POR VÍCTOR SILVA DOS SANTOS			

Apêndice 13 - Prancha de Desenho da Fogueira 10. Fonte: Acervo Max (Modificado pelo autor).

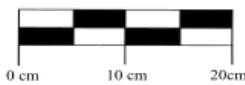
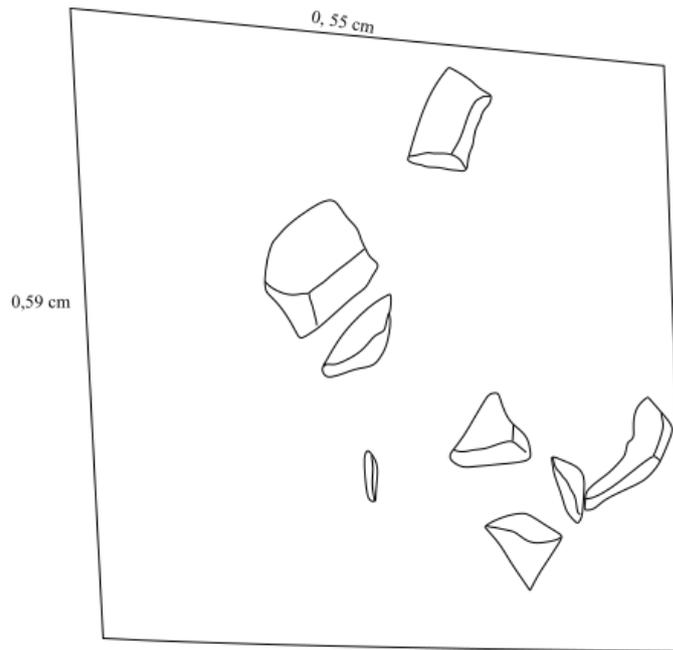
PRANCHA DE DESENHO (FOGUEIRA)



MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ			
PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ (PAX)			
SÍTIO JUSTINO FAZ. CABEÇA DE NÊGO CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE FOGUEIRA II		Quadrícula - AE 16/20 Decapagem 8	
ESCALA 1:10	COPISTA EDUARDO	LEVANTAMENTO FRANCISCO	EQUIPE DE DESENHO: EDUARDO, CLERISTON E ZÉ NETO.
MODIFICADO POR VICTOR SILVA DOS SANTOS			

Apêndice 14 - Prancha de Desenho da Fogueira 11. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).

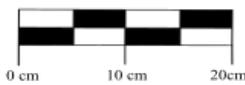
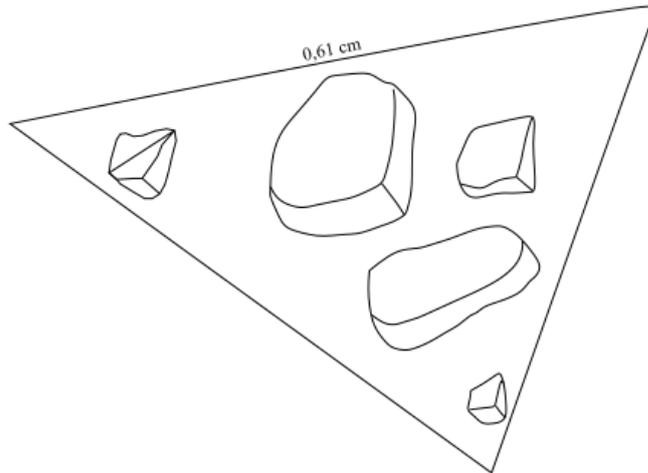
PRANCHA DE DESENHO (FOGUEIRA)



MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ			 MAX
PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ (PAX)			
SÍTIO JUSTINO FAZ. CABEÇA DE NÊGO CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE FOGUEIRA 12		Quadrícula - PQ 46/50 Decapagem 7	
ESCALA 1:10	COPISTA EDUARDO	LEVANTAMENTO FRANCISCO	EQUIPE DE DESENHO: EDUARDO, CLERISTON E ZÉ NETO.
MODIFICADO POR VICTOR SILVA DOS SANTOS			

Apêndice 15 - Prancha de Desenho da Fogueira 12. Fonte: Acervo Max (Modificado pelo autor).

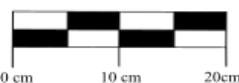
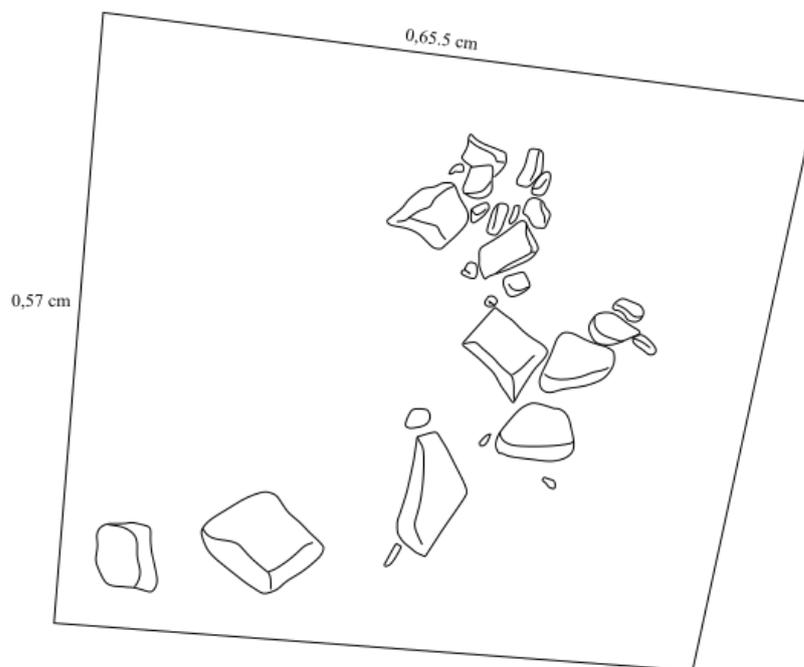
PRANCHA DE DESENHO (FOGUEIRA)



MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ			 MAX
PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ (PAX)			
SÍTIO JUSTINO FAZ. CABEÇA DE NÊGO CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE FOGUEIRA 13			Quadrícula - FL 26/30 Decapagem 8
ESCALA 1:10	COPISTA EDUARDO	LEVANTAMENTO FRANCISCO	EQUIPE DE DESENHO: EDUARDO, CLERISTON E ZÉ NETO.
MODIFICADO POR VICTOR SILVA DOS SANTOS			

Apêndice 16 - Prancha de Desenho da Fogueira 13. Fonte: Acervo Max (Modificado pelo autor).

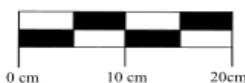
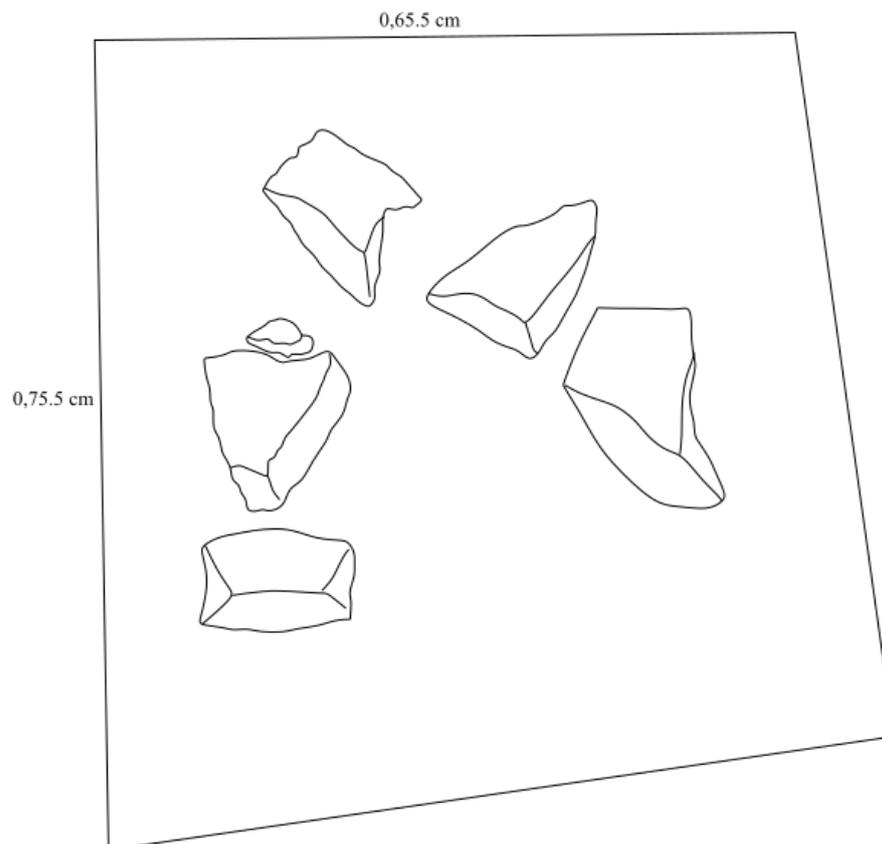
PRANCHA DE DESENHO (FOGUEIRA)



MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ			
PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ (PAX)			
SÍTIO JUSTINO FAZ. CABEÇA DE NÊGO CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE FOGUEIRA 14		Quadrícula - FL 46/50 Decapagem 3	
ESCALA 1:10	COPISTA EDUARDO	LEVANTAMENTO FRANCISCO	EQUIPE DE DESENHO: EDUARDO, CLERISTON E ZÉ NETO.
MODIFICADO POR VICTOR SILVA DOS SANTOS			

Apêndice 17 - Prancha de Desenho da Fogueira 14. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).

PRANCHA DE DESENHO (FOGUEIRA)



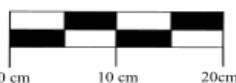
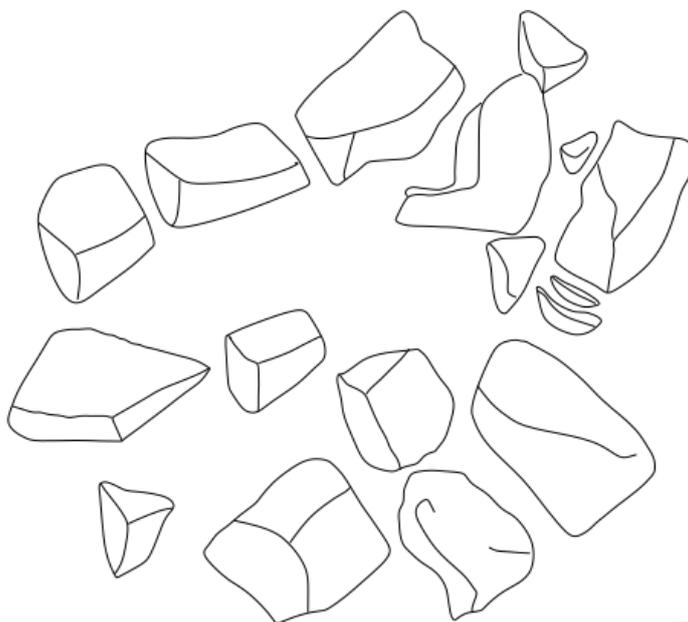
MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ			
PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ (PAX)			
SÍTIO JUSTINO FAZ. CABEÇA DE NÊGO CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE FOGUEIRA 15		Quadrícula - AE 36/40 Decapagem 12	
ESCALA 1:10	COPISTA EDUARDO	LEVANTAMENTO FRANCISCO	EQUIPE DE DESENHO: EDUARDO, CLERISTON E ZÉ NETO.
MODIFICADO POR VICTOR SILVA DOS SANTOS			

Apêndice 18 - Prancha de Desenho da Fogueira 15. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).

PRANCHA DE DESENHO (FOGUEIRA)

0,93 cm

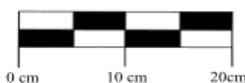
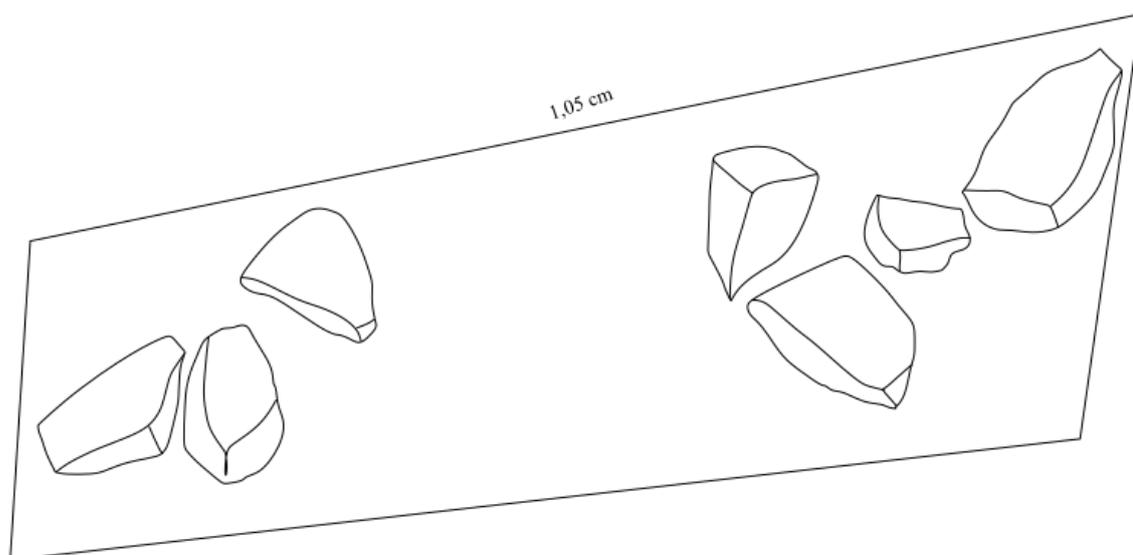
0,80 cm



MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ			 MAX
PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ (PAX)			
SÍTIO JUSTINO FAZ. CABEÇA DE NÊGO CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE FOGUEIRA 16			Quadrícula - UV 26/27 Decapagem 3
ESCALA 1:10	COPISTA EDUARDO	LEVANTAMENTO FRANCISCO	EQUIPE DE DESENHO: EDUARDO, CLERISTON E ZÉ NETO.
MODIFICADO POR VÍCTOR SILVA DOS SANTOS			

Apêndice 19 - Prancha de Desenho da Fogueira 16. Fonte: Acervo Max (Modificado pelo autor).

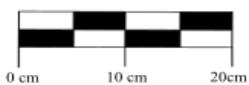
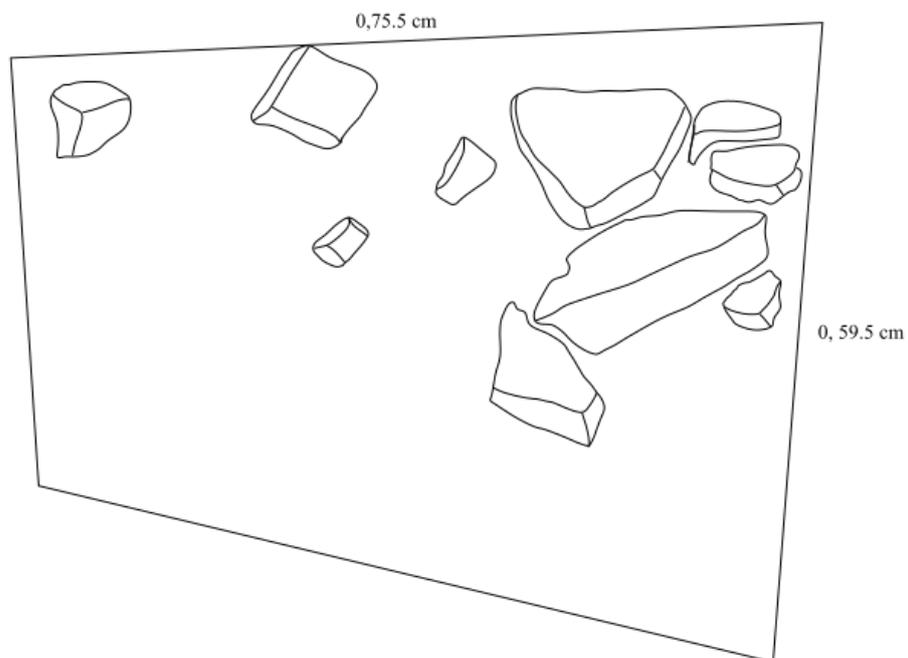
PRANCHA DE DESENHO (FOGUEIRA)



MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ			 MAX
PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ (PAX)			
SÍTIO JUSTINO FAZ. CABEÇA DE NÊGO CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE FOGUEIRA 17		Quadrícula - FL 41/45 Decapagem 3	
ESCALA 1:10	COPISTA EDUARDO	LEVANTAMENTO FRANCISCO	EQUIPE DE DESENHO: EDUARDO, CLERISTON E ZÉ NETO.
MODIFICADO POR VICTOR SILVA DOS SANTOS			

Apêndice 20 - Prancha de Desenho da Fogueira 17. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).

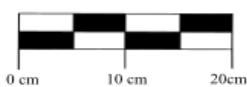
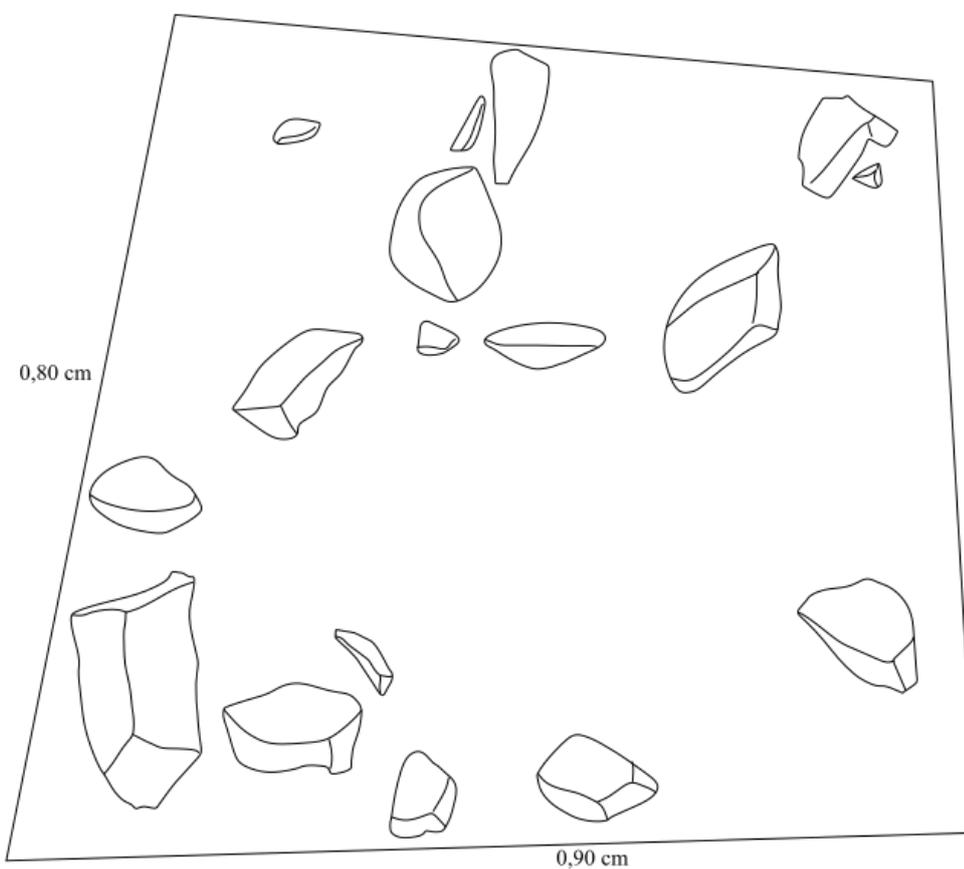
PRANCHA DE DESENHO (FOGUEIRA)



MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ			
PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ (PAX)			
SÍTIO JUSTINO FAZ. CABEÇA DE NÊGO CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE FOGUEIRA 18		Quadrícula - FL 41/45 Decapagem 19	
ESCALA 1:10	COPISTA EDUARDO	LEVANTAMENTO FRANCISCO	EQUIPE DE DESENHO: EDUARDO, CLERISTON E ZÉ NETO.
MODIFICADO POR VICTOR SILVA DOS SANTOS			

Apêndice 21 - Prancha de Desenho da Fogueira 18. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).

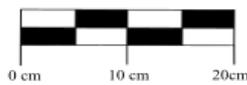
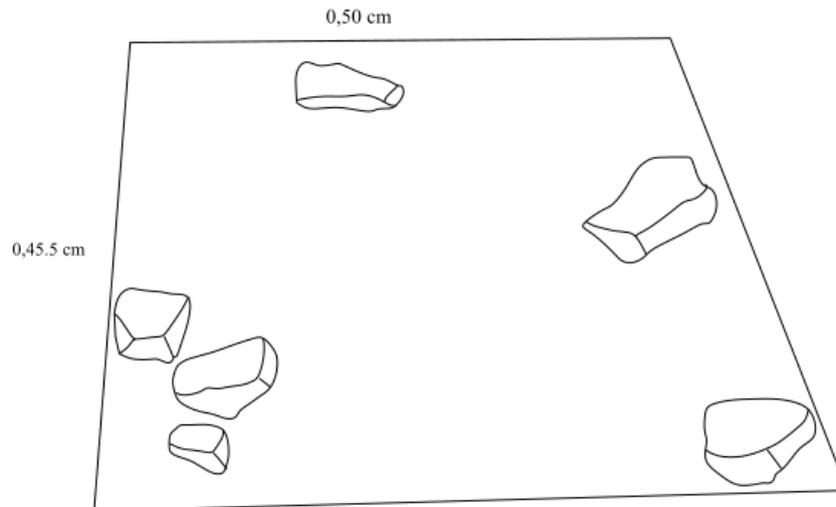
PRANCHA DE DESENHO (FOGUEIRA)



MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ			
PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ (PAX)			
SÍTIO JUSTINO FAZ. CABEÇA DE NÊGO CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE FOGUEIRA 19		Quadrícula - FL 51/55 Decapagem 10	
ESCALA 1:10	COPISTA EDUARDO	LEVANTAMENTO FRANCISCO	EQUIPE DE DESENHO: EDUARDO, CLERISTON E ZÉ NETO.
MODIFICADO POR VICTOR SILVA DOS SANTOS			

Apêndice 22 - Prancha de Desenho da Fogueira 19. Fonte: Acervo Max (Modificado pelo autor).

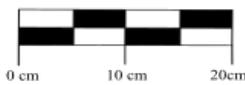
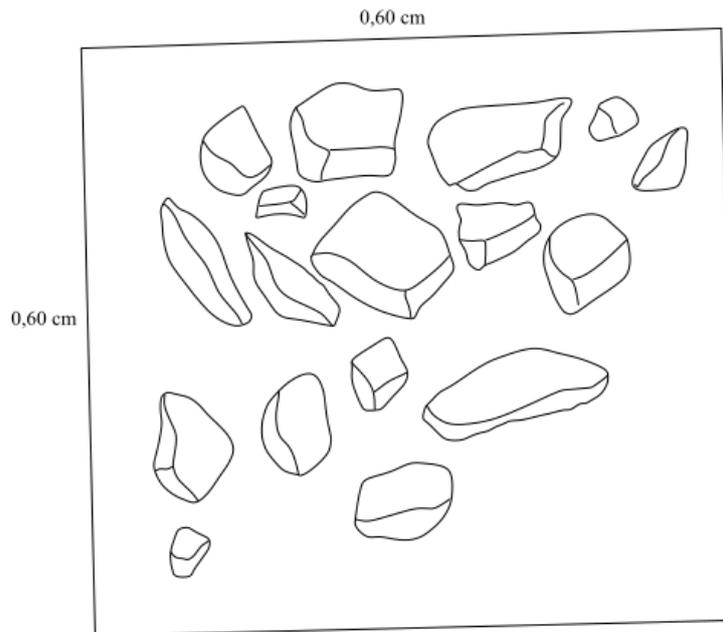
PRANCHA DE DESENHO (FOGUEIRA)



MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ			
PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ (PAX)			
SÍTIO JUSTINO FAZ. CABEÇA DE NÊGO CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE FOGUEIRA 20			Quadrícula - FL 41/45 Decapagem 15
ESCALA 1:10	COPISTA EDUARDO	LEVANTAMENTO FRANCISCO	EQUIPE DE DESENHO: EDUARDO, CLERISTON E ZÉ NETO.
MODIFICADO POR VICTOR SILVA DOS SANTOS			

Apêndice 23 - Prancha de Desenho da Fogueira 20. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).

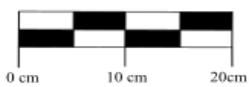
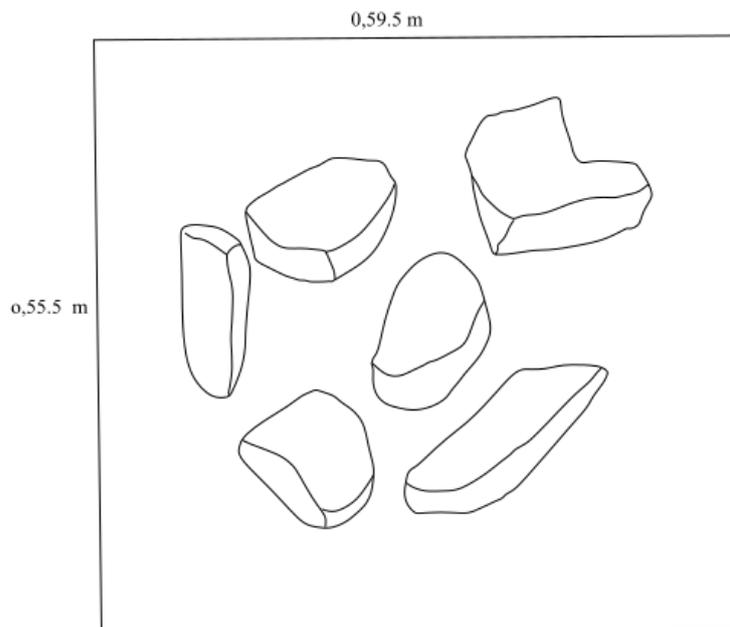
PRANCHA DE DESENHO (FOGUEIRA)



MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ			 MAX
PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ (PAX)			
SÍTIO JUSTINO FAZ. CABEÇA DE NÊGO CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE FOGUEIRA 21		Quadrícula - AE 21/25 Decapagem 37	
ESCALA 1:10	COPISTA EDUARDO	LEVANTAMENTO FRANCISCO	EQUIPE DE DESENHO: EDUARDO, CLERISTON E ZÉ NETO.
MODIFICADO POR VICTOR SILVA DOS SANTOS			

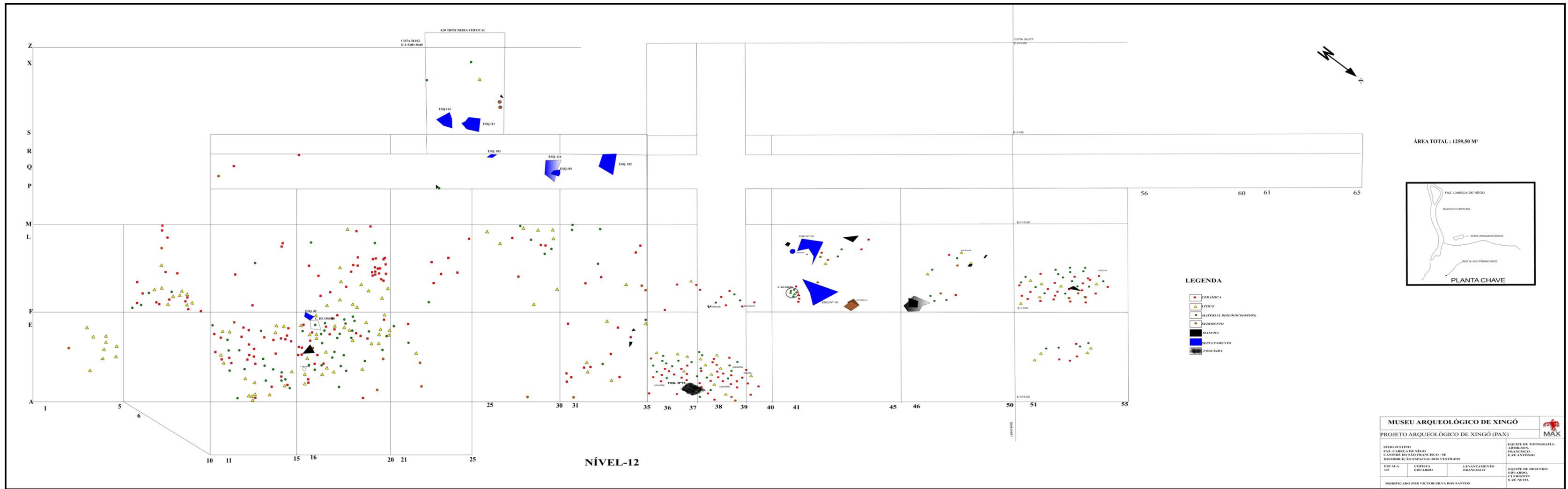
Apêndice 24 - Prancha de Desenho da Fogueira 21. Fonte: Acervo Max(Modificado pelo autor).

PRANCHA DE DESENHO (FOGUEIRA)

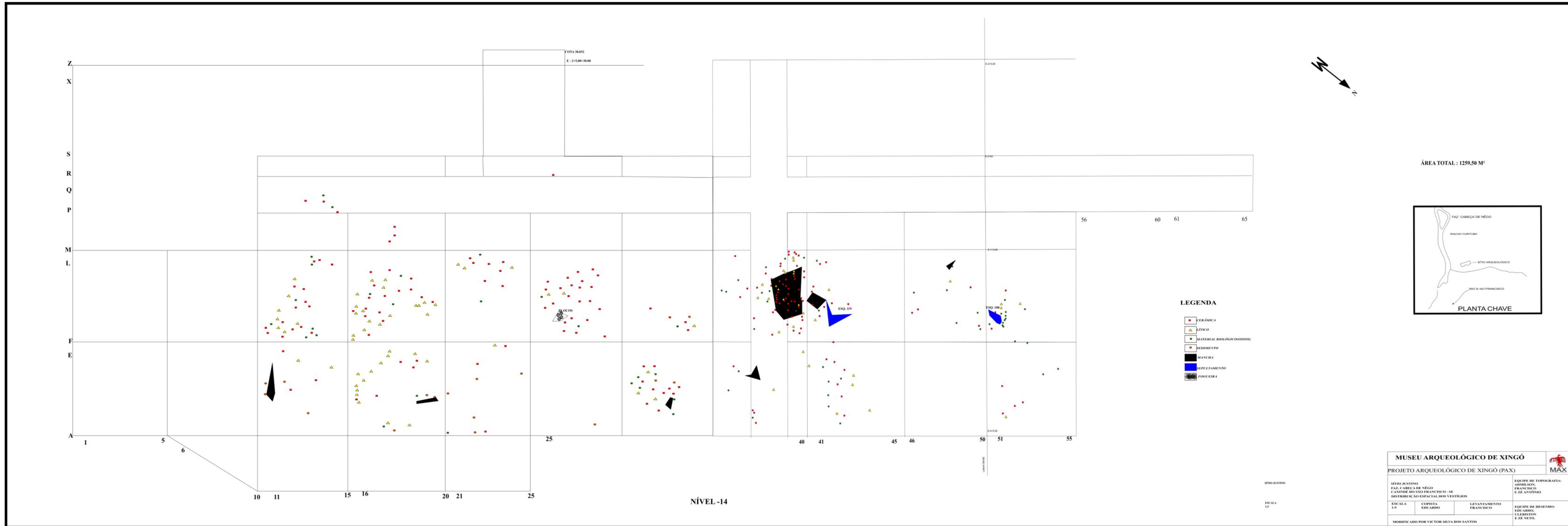


MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ			
PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ (PAX)			
SÍTIO JUSTINO FAZ. CABEÇA DE NÊGO CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE FOGUEIRA 22		Quadrícula - AE 21/25 Decapagem 37	
ESCALA 1:10	COPISTA EDUARDO	LEVANTAMENTO FRANCISCO	EQUIPE DE DESENHO: EDUARDO, CLERISTON E ZÉ NETO.
MODIFICADO POR VÍCTOR SILVA DOS SANTOS			

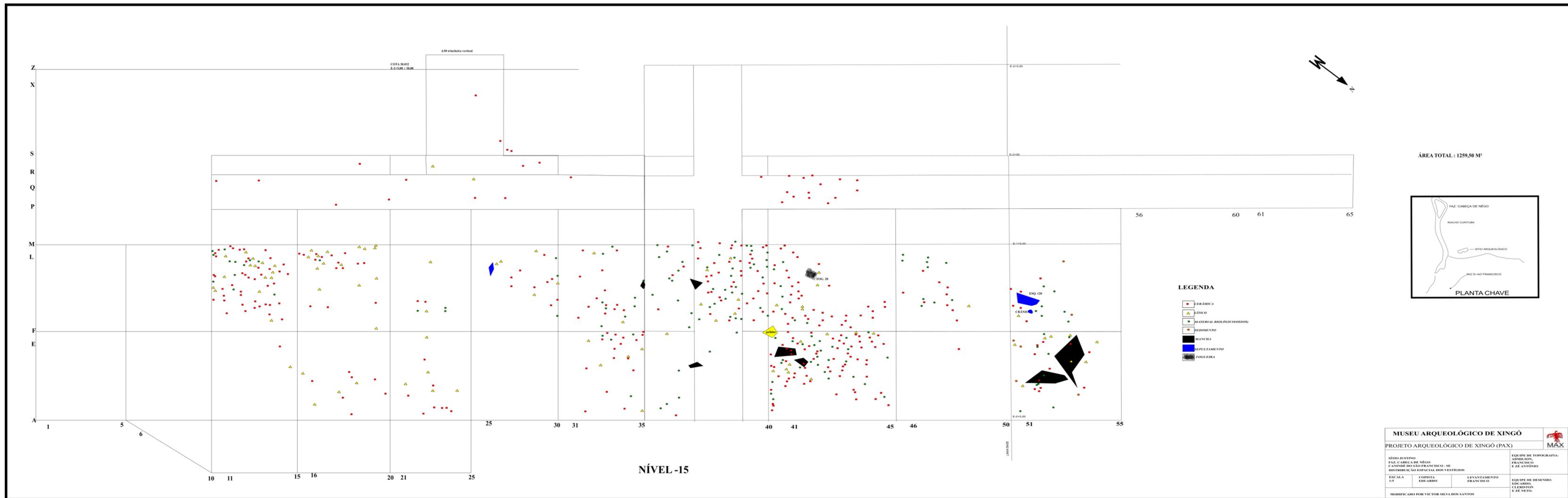
Apêndice 25 - Prancha de Desenho da Fogueira 5. Fonte: Acervo Max (Modificado pelo autor).



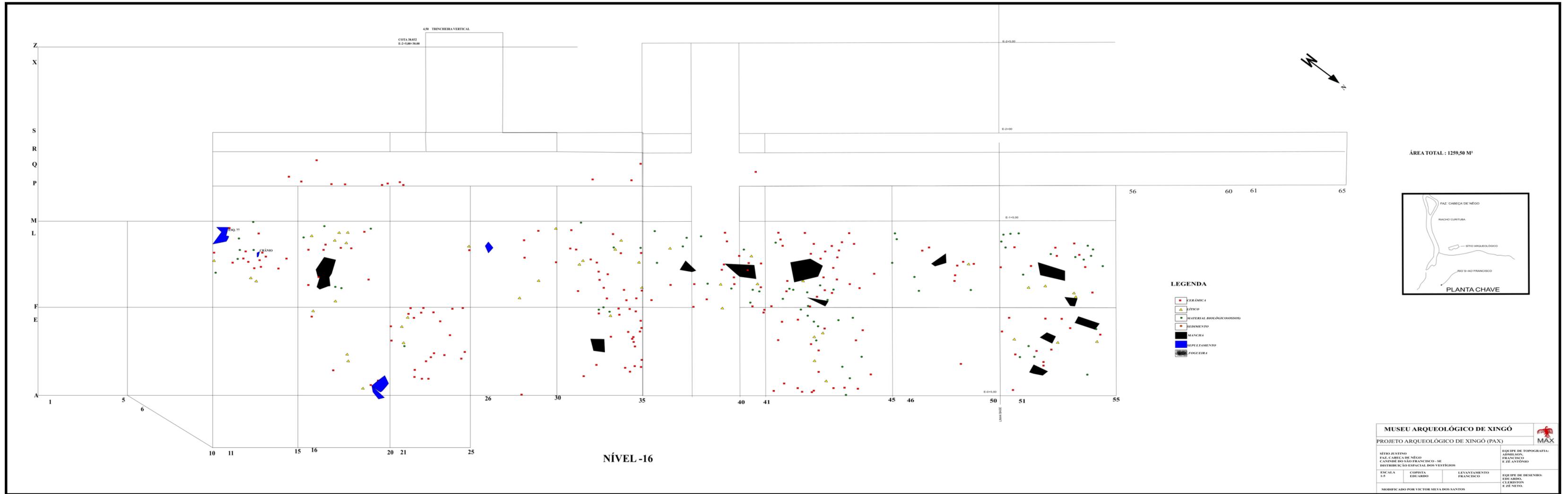
Apêndice 26- Croqui do Nível 12 do Sítio Justino. Fonte: Acervo Max (Modificado Pelo Autor).



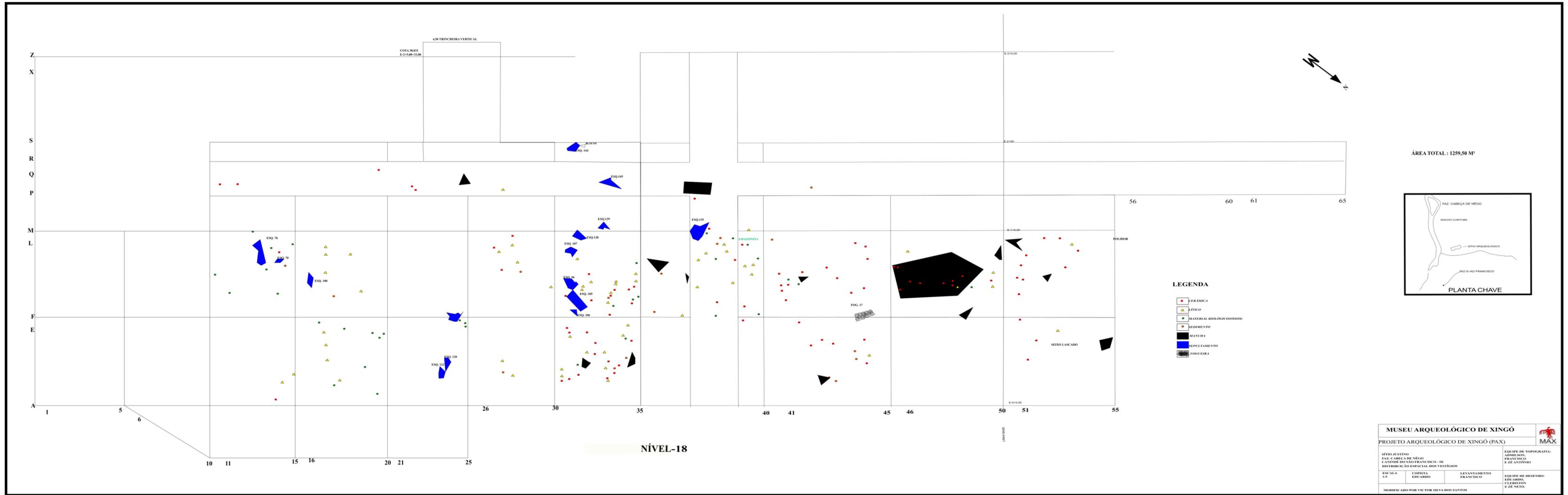
Apêndice 27 - Croqui do Nível 14 do Sítio Justino. Fonte: Acervo Max (Modificado Pelo Autor).



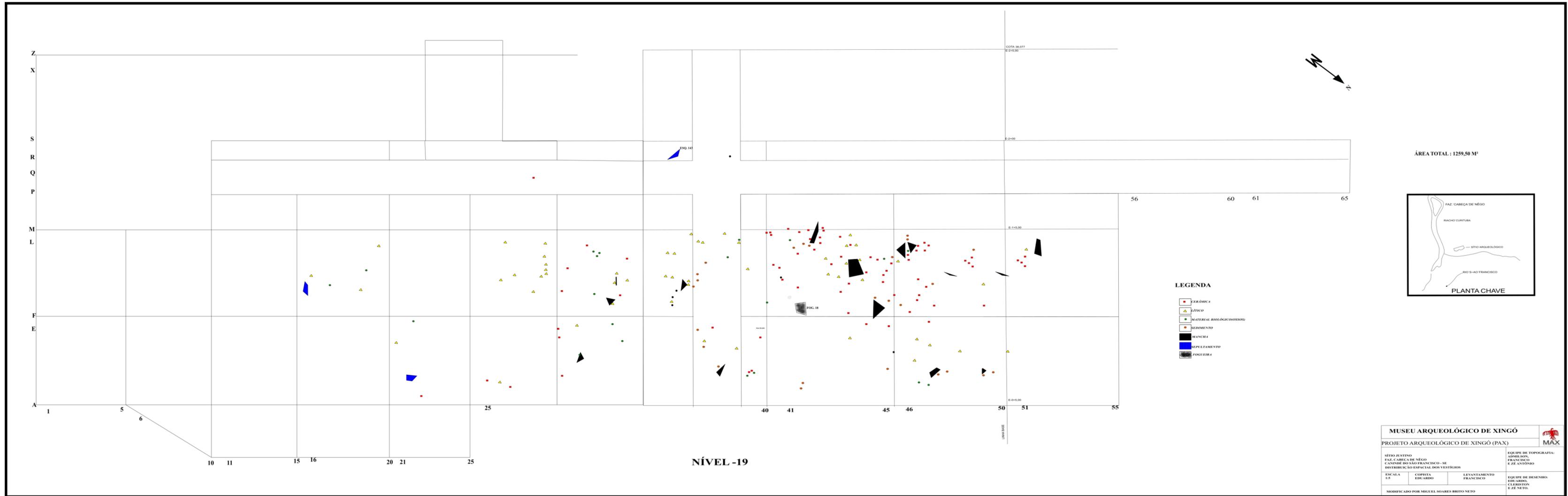
Apêndice 28 - Croqui do Nível 15 do Sítio Justino. Fonte: Acervo Max (Modificado Pelo Autor).



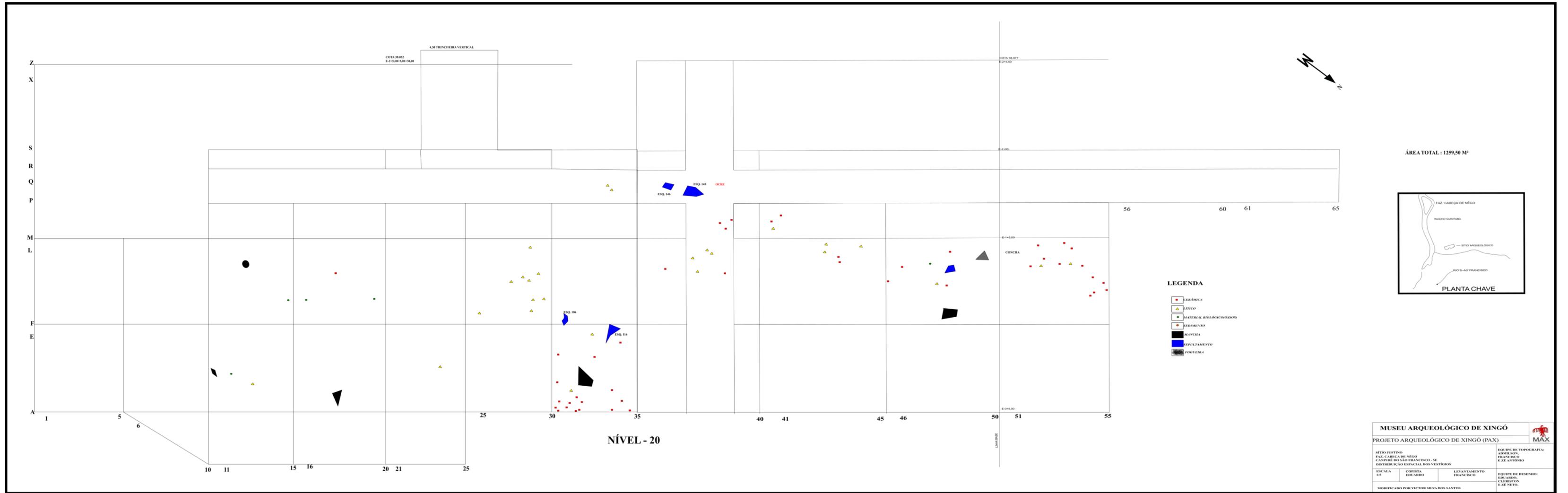
Apêndice 29- Croqui do Nível 16 do Sítio Justino. Fonte: Acervo Max (Modificado Pelo Autor).



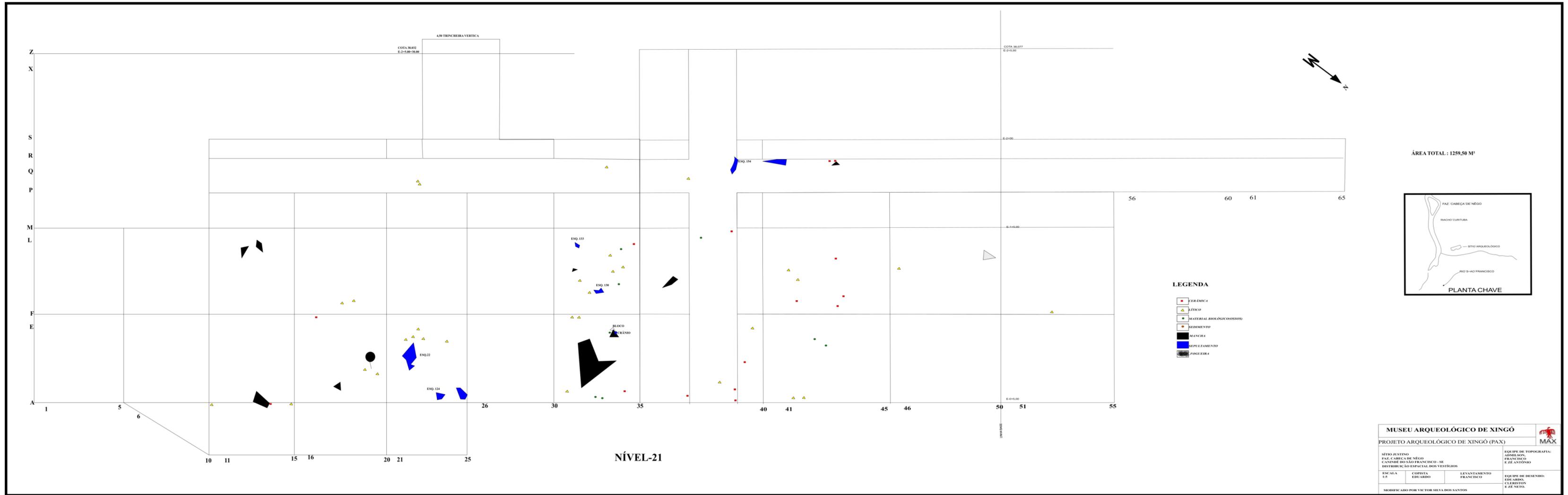
Apêndice 31 - Croqui do Nível 18 do Sítio Justino. Fonte: Acervo Max (Modificado Pelo Autor).



Apêndice 32 - Croqui do Nível 19 do Sítio Justino. Fonte: Acervo Max (Modificado Pelo Autor).



Apêndice 33- Croqui do Nível 20 do Sítio Justino. Fonte: Acervo Max (Modificado Pelo Autor).



Apêndice 34 - Croqui do Nível 21 do Sítio Justino. Fonte: Acervo Max (Modificado Pelo Autor).